

O MAHABHARATA

de

Krishna-Dwaipayana Vyasa

LIVRO 11

STRI PARVA

Traduzido para a Prosa Inglesa do Texto Sânscrito Original

por

Kisari Mohan Ganguli

[1883-1896]

AVISO DE ATRIBUIÇÃO

Escaneado em sacred-texts.com, 2004. Verificado por John Bruno Hare, Outubro 2004. Este texto é de domínio público. Estes arquivos podem ser usados para qualquer propósito não comercial, desde que este aviso de atribuição seja mantido intacto.

Traduzido para o Português por Eleonora Meier.

Capítulo	Conteúdo	Página
1	Sanjaya conforta Dhritarashtra.	3
2	Vidura conforta Dhritarashtra, sobre aflição e morte.	5
3	Vidura fala sobre a cura da tristeza.	7
4	Vidura sobre nascimento, sofrimento e morte de todas as criaturas.	8
5	História de Brahmana na beira da cova, bebendo mel à beira da morte.	9
6	Explicação de símiles de Vidura.	10
7	Vidura sobre vínculos ao mundo. Analogia da carruagem.	10
8	Vyasa explica batalha como ordenada pelos deuses. Angústia de Dhritarashtra finalmente acalmada.	12
9	Sanjaya retorna a Dhritarashtra – discernimento removido.	14
10	Dhritarashtra sobe no carro – mulheres da casa seguem.	15
11	Encontra três Kurus retornando. Separam-se e seguem seus caminhos.	16
12	Encontro com Pandavas. Dhritarashtra enfurecido esmaga uma estátua de ferro de Bhima.	18
13	Krishna repreende Dhritarashtra.	19
14	Vyasa adverte Gandhari contra amaldiçoar os Pandavas.	20
15	Bhima questionado por Gandhari. Sua fúria causa uma ferida no dedo do pé de Yudhishtira.	21
16	Gandhari vê campo de batalha com visão divina. Mulheres lamentando.	23
17	Vê Duryodhana e lamenta.	26
18	Gandhari continua lamentando.	27
19	(Idem) vendo cada filho por vez.	29
20	Gandhari vê esposa de Abhimanyu chorando.	30
21	Gandhari vê Karna no chão.	31
22	Gandhari.	32
23	Gandhari vê heróis, incluindo Salya, Kripa com Drona.	33
24	Gandhari vê Bhurisravas, Sakuni.	35
25	Gandhari finalmente amaldiçoa Krishna a ver seus próprios parentes morrerem, e ele mesmo a morrer na selva depois de 36 anos.	36
26	Um bilhão, 660 milhões e 20 mil homens mortos; 240.165 escaparam. Queima dos mortos.	39
27	Todos vão ao Ganges e realizam rito com água. Pandavas sofrem por seu irmão Karna.	41

Índice escrito por Duncan Watson.
Traduzido por Eleonora Meier.

1

(Jalapradanika-parva)

Om! Tendo reverenciado Narayana e Nara, o principal dos seres masculinos, e a deusa Saraswati, a palavra Jaya deve ser proferida.

Janamejaya disse, "Depois que Duryodhana tinha morrido e depois que todos os guerreiros também tinham morrido em batalha, o que, ó sábio, fez o rei Dhritarashtra ao receber a notícia? O que também fez o rei Kuru de grande alma Yudhishthira, o filho de Dharma? O que fizeram os três sobreviventes (do exército Kuru), isto é, Kripa e os outros? Eu ouvi tudo sobre as façanhas de Ashvatthama. Diga-me o que aconteceu depois daquela mútua pronúncia de maldições. Conte-me tudo o que Sanjaya disse ao velho rei cego."

Vaisampayana disse, "Depois de ter perdido seus cem filhos, o rei Dhritarashtra, atormentado pela dor por causa disso, triste, e parecendo com uma árvore com seus ramos cortados, ficou oprimido pela ansiedade e perdeu seu poder de fala. Possuidor de grande sabedoria, Sanjaya, se aproximando do monarca, dirigiu-se a ele, dizendo, 'Por que tu sofres, ó monarca? A dor não serve a nenhum propósito. Dezoito Akshauhinis de combatentes, ó rei, estão mortos! A terra se tornou desolada, e está quase vazia agora! Reis de diversos reinos, vindos de diversas regiões, unidos com teu filho (para ajudá-lo em batalha), todos sacrificaram suas vidas. Que agora os ritos fúnebres de teus pais e filhos e netos e parentes e amigos e preceptores sejam realizados na devida ordem."

Vaisampayana continuou, "Desprovido de seus filhos e conselheiros e de todos os seus amigos, o rei Dhritarashtra de grande energia de repente caiu por terra como uma árvore arrancada pelo vento."

"Dhritarashtra disse, 'Desprovido como eu estou de filhos e conselheiros e de todos os meus amigos, eu vou, sem dúvida, ter que vagar em tristeza sobre a terra. Que necessidade eu tenho agora da própria vida, deixado como fui por parentes e amigos e parecendo com uma ave com suas asas cortadas e afligido pela decrepitude? Sem um reino, sem parentes, e desprovido de visão, eu, ó tu de grande sabedoria, não posso mais brilhar sobre a terra assim como um luminar privado de seu esplendor! Eu não segui os conselhos de amigos, do filho de Jamadagni, do rishi celeste Narada, e do nascido na ilha, Krishna, quanto eles me ofereceram conselhos. No meio da assembléia Krishna me disse o que era para o meu bem, dizendo, 'Uma trégua (temporária) das hostilidades, ó rei! Que teu filho leve o reino inteiro! Dê somente cinco aldeias para os Pandavas!' Tolo que eu fui, por não seguir aquele conselho, eu sou agora obrigado a me arrepender tão dolorosamente! Eu não escutei os conselhos corretos de Bhishma. Ai, sabendo da morte de Duryodhana cujos rugidos eram tão profundos como os de um touro, sabendo também da morte de Duhshasana e da extinção de Karna e do por do sol-Drona, o meu coração não se parte em pedaços. Eu, ó Sanjaya, não me lembro

de qualquer má ação cometida por mim nos tempos passados, cujas consequências, tolo que eu sou, eu estou sofrendo hoje. Sem dúvida, eu cometi grandes pecados em minhas vidas passadas, pelos quais o Ordenador Supremo estabeleceu que eu sofresse tal medida de dor. Esta destruição de todos os meus parentes, este extermínio de todos os meus benquerentes e amigos, nesta velhice, vem sobre mim pela força do Destino. Que outro homem há sobre a terra que esteja mais afligido do que a minha pessoa desventurada? Já que é assim, que os Pandavas me vejam neste dia firmemente resolvido a me dirigir para o longo caminho que leva às regiões de Brahman!"

Vaisampayana continuou, "Enquanto o rei Dhritarashtra lamentava dessa maneira, Sanjaya se dirigiu a ele nas seguintes palavras para dissipar sua aflição, 'Livre-te da tua dor, ó monarca! Tu ouviste as conclusões dos Vedas e o conteúdo de diversas escrituras e escritos sagrados, dos lábios dos antigos, ó rei! Tu ouviste aquelas palavras que os sábios disseram a Sanjaya enquanto o último sofria por causa da morte de seu filho. Quando teu filho, ó monarca, contraiu o orgulho que é nascido da juventude, tu não aceitaste os conselhos oferecidos a ti pelos teus benquerentes. Desejoso de frutos, tu, por avareza, não fizeste o que era realmente para o teu benefício. Tua própria inteligência, como uma espada afiada, te feriu. Tu geralmente agradaste aqueles de mau comportamento. Teu filho teve Duhsasana como seu conselheiro, e o filho de alma perversa de Radha, e o igualmente perverso Sakuni e Citrasena de mente tola, e Salya. Teu filho (por seu próprio comportamento) fez o mundo inteiro seu inimigo. Teu filho, ó Bharata, não obedeceu às palavras de Bhishma, o venerável chefe dos Kurus, de Gandhari e Vidura, de Drona, ó rei, de Kripa, o filho de Sharadvata, do poderosamente armado Krishna, do inteligente Narada, e de muitos outros rishis, e do próprio Vyasa de energia incomensurável. Embora possuidor de coragem teu filho tinha pouca inteligência, era orgulhoso, sempre desejoso de lutar, mau, indisciplinado, e descontente. Tu és possuidor de erudição e inteligência e és sempre sincero. Aqueles que são tão íntegros e possuidores de tal inteligência como tu nunca são entorpecidos pela dor. A virtude não era considerada por algum deles. Batalha era a única palavra em seus lábios. Por isso a classe Kshatriya foi exterminada e a fama de teus inimigos aumentada. Tu ocupaste a posição de um árbitro, mas tu não proferiste uma palavra de conselho salutar. Inadequado como tu eras para a tarefa, tu não seguraste os pratos da balança equilibradamente. Toda pessoa deve, no início, adotar tal linha de ação benéfica para que não tenha, ao fim, que se arrepender de alguma coisa já feita por ela. Por afeição por teu filho, ó monarca, tu fizeste o que era agradável para Duryodhana. Tu és obrigado a te arrepender por isso agora. Não cabe a ti, no entanto ceder à angústia. O homem cujos olhos estão dirigidos somente para o mel sem serem dirigidos uma vez para a queda, encontra a destruição por sua avareza pelo mel. Tal homem é obrigado a se arrepender assim como tu. O homem que se entrega à aflição nunca ganha prosperidade. Por se afligir uma pessoa perde os resultados que deseja. A tristeza é também um obstáculo para a aquisição de objetos caros a nós. O homem que cede à tristeza perde até sua salvação. O homem que esconde um carvão ardente dentro das dobras de seu traje e é queimado pelo fogo aceso por este, é declarado um tolo se ele se aflige por seus ferimentos. Tu mesmo, com teu filho,

com tuas palavras, atiçaste o fogo-Partha, e com sua avareza servindo de manteiga clarificada fizeste aquele fogo resplandecer a chamas ardentes. Quando aquele fogo se inflamou dessa maneira teus filhos caíram dentro dele como insetos. Não cabe a ti, no entanto, sofrer agora por eles que foram todos queimados no fogo das flechas do inimigo. O rosto manchado de lágrimas, ó rei, que exhibes agora não é aprovado pelas escrituras ou elogiado pelos sábios. Estas lágrimas, como faíscas de fogo, queimam os mortos pelos quais elas são derramadas. Mate tua tristeza com tua inteligência, e te mantenha firme com a força do teu próprio ser! Dessa maneira o rei foi confortado por Sanjaya de grande alma. Vidura então, ó opressor de inimigos, dirigiu-se novamente ao rei, mostrando grande inteligência.”

2

Vaisampayana disse, “Ouça, ó Janamejaya, as palavras como néctar que Vidura disse ao filho de Vichitravirya e pelas quais ele alegrou aquele touro entre homens!”

"Vidura disse, 'Levante, ó rei! Por que tu estás estirado no chão? Mantenha-te firme com teu próprio ser. Ó rei, este mesmo é o fim derradeiro de todas as criaturas vivas. Tudo reunido junto termina em destruição; tudo o que chega ao alto seguramente cairá. União seguramente terminará em separação; vida seguramente terminará em morte. O destruidor, ó Bharata, arrasta ambos o herói e o covarde. Por que então, ó touro entre Kshatriyas, (ele não arrastaria) Kshatriyas envolvidos em batalha? Aquele que não luta parece escapar com vida. Quando, no entanto, chega a hora de uma pessoa, ó rei, ela não pode escapar. Quanto às criaturas vivas, elas são inexistentes a princípio. Elas existem em um período que fica entremeio. Ao fim elas mais uma vez se tornam inexistentes. Que causa de angústia então há nisto? O homem que se entrega à dor não tem êxito em se reunir com os mortos. Por se entregar à dor, ele mesmo não morre. Quando tal é o rumo do mundo, por que tu cedes à tristeza? A morte arrasta todas as criaturas, até os deuses. Não há ninguém caro ou odioso para a morte, ó melhor dos Kurus! Como o vento arranca os topos de todas as folhas de grama, assim mesmo, ó touro da raça Bharata, a morte tem autoridade suprema sobre todas as criaturas. Todas as criaturas são como membros de uma caravana com destino ao mesmo lugar. (Como a morte encontrará todos) pouco importa quem ela encontra primeiro. Não cabe a ti, ó rei, sofrer por aqueles que foram mortos em batalha. Se as escrituras são alguma autoridade, todos eles obtiveram o fim mais sublime. Todos eles eram versados nos Vedas; todos eles tinham cumprido votos. Enfrentando o inimigo todos eles encontraram a morte. Que causa de angústia então há nisto? Invisíveis eles eram (antes do nascimento). Tendo vindo daquela região desconhecida, eles se tornaram mais uma vez invisíveis. Eles não são teus, nem tu és deles. Que tristeza então há em tal desaparecimento? Se morto, alguém ganha o céu. Por matar, fama é obtida. Ambos, com relação a nós, são produtivos de grande mérito. A batalha, portanto, não é inútil. Sem dúvida, Indra projetará para eles regiões capazes de conceder todos os desejos. Estes, ó touro

entre homens, se tornam os convidados de Indra. Os homens não podem, por sacrifícios com presentes abundantes, por penitências ascéticas ou erudição, ir tão depressa para o céu quanto os heróis mortos em batalha. Sobre os corpos dos heróis hostis constituindo o fogo sacrificial, eles despejaram suas libações de flechas. Possuidores de grande energia, eles tiveram em retorno que suportar as libações de flechas (despejadas sobre eles por seus inimigos). Eu te digo, ó rei, que para um Kshatriya neste mundo não há uma estrada melhor para o céu do que a batalha! Eles eram todos Kshatriyas de grande alma, possuidores de coragem, eles eram ornamentos de assembléias. Eles alcançaram um estado superior de bem-aventurança. Eles não são pessoas pelas quais nós devemos sofrer. Consolando a ti mesmo por ti mesmo pare de sofrer, ó touro entre homens! Não cabe a ti te permitir ser dominado pela tristeza e abandonar todas as ações. Há milhares de mães e pais e filhos e esposas neste mundo. De quem são eles, e de quem somos nós? Dia a dia surgem milhares de causas para a tristeza e milhares de causas para o medo. Essas, no entanto, afetam os ignorantes, mas são nada para aquele que é sábio. Não há ninguém caro ou odioso para o Tempo, ó melhor dos Kurus! O Tempo não é indiferente a ninguém. Tudo é igualmente arrastado pelo Tempo. O Tempo faz todas as criaturas crescerem, e é o Tempo que destrói tudo. Quando tudo mais está adormecido, o Tempo está desperto. O Tempo é irresistível. Juventude, beleza, vida, posses, saúde, e a companhia dos amigos, tudo é instável. Aquele que é sábio nunca cobiçará algum destes. Não cabe a ti sofrer pelo que é universal. Uma pessoa pode, por ceder à tristeza, ela mesma perecer, mas a própria tristeza, por se ceder a ela, nunca se torna leve. Se tu sentes que tua tristeza é pesada, ela deve ser neutralizada por não se entregar a ela. Este mesmo é o remédio para a tristeza: não se entregar a ela. Por insistir nela não se pode diminuí-la. Por outro lado, ela cresce com a indulgência. Após a vinda do mal ou após a perda de algo que é querido, somente aqueles que são de pouca inteligência permitem que suas mentes sejam atormentadas pela aflição. Não é nem Lucro, nem Religião, nem Felicidade, sobre o qual teu coração está se estendendo. A indulgência na aflição é o meio certo de se perder seus próprios objetos. Através dela uma pessoa se afasta dos três grandes objetivos da vida (religião, lucro, e prazer). Aqueles que são desprovidos de contentamento ficam estupefatos na acessão de vicissitudes dependentes da posse de riqueza. No entanto, aqueles que são sábios, por outro lado, não são afetados por tais vicissitudes. Deve-se matar a dor mental pela sabedoria, como a dor física deve ser morta pela medicina. A sabedoria tem este poder. No entanto, os que são tolos nunca podem obter tranquilidade de alma. As ações de uma vida anterior seguem um homem de perto, tanto que elas deitam ao lado dele quando ele deita, ficam de pé ao lado dele enquanto ele permanece de pé, e correm com ele quando ele corre. Naquelas condições de vida nas quais alguém age bem ou mal, ele desfruta ou sofre o resultado disso em condições similares. Naquelas formas (de organização física) nas quais alguém realiza ações específicas, ele desfruta ou sofre os resultados disso em formas parecidas. A própria pessoa é seu próprio amigo, como, de fato, a própria pessoa é seu próprio inimigo. A própria pessoa é a testemunha de seus atos, bons e maus. De boas ações surge um estado de felicidade, de atos pecaminosos surge a dor. Uma pessoa sempre obtém os resultados de seus atos. Alguém nunca desfruta ou sofre angústia ou dor que não

seja o resultado de seus próprios atos. Pessoas inteligentes como tu, ó rei, nunca afundam em enormidades pecaminosas que são desaprovadas pelo conhecimento e que golpeiam a própria raiz (da virtude e felicidade).”

3

“Dhritarashtra disse, ‘Ó tu de grande sabedoria, minha tristeza foi dissipada pelas tuas palavras excelentes! Eu desejo, no entanto, te ouvir falar outra vez. Como, de fato, aqueles que são sábios se livram da dor mental nascida da vinda de males e da perda de objetos que são caros?’”

“Vidura disse, ‘Aquele que é sábio obtém tranquilidade por subjugar ambos, tristeza e alegria, através de meios pelos quais se pode escapar da tristeza e alegria. Todas aquelas coisas sobre as quais nós somos ansiosos, ó touro entre homens, são efêmeras. O mundo é como uma bananeira, sem vigor permanente. Já que os sábios e os tolos, os ricos e os pobres, todos, livres de suas ansiedades, dormem no crematório, com corpos privados de carne e cheios de ossos expostos e tendões enrugados, quem entre eles os sobreviventes considerarão como possuidor de marcas características pelas quais os atributos de nascimento e beleza possam ser averiguados? (Quando tudo é igual na morte) por que deveriam os seres humanos, cujas mentes são sempre enganadas (pelas coisas deste mundo) cobiçar o posto e a posição uns dos outros? Os eruditos dizem que os corpos dos homens são como casas. Com o tempo estas são destruídas. Há um ser, no entanto, que é eterno. Como uma pessoa, rejeitando um traje, velho ou novo, veste outro, tal é o caso dos corpos de todos os seres incorporados. Ó filho de Vichitravirya, as criaturas obtêm angústia ou dor como o resultado de suas próprias ações. Através de seus atos elas obtêm o céu, ó Bharata, ou felicidade, ou dor. Capazes ou incapazes, elas tem que suportar suas cargas as quais são o resultado de suas próprias ações. Como entre vasos de barro alguns quebram ainda na roda do ceramista, alguns enquanto parcialmente moldados, alguns logo que formados, alguns depois de removidos da roda, alguns ao longo da remoção, alguns depois da remoção, alguns enquanto molhados, alguns enquanto secos, alguns enquanto sendo queimados, alguns enquanto sendo removidos do forno, algum depois da remoção do forno, e alguns enquanto sendo usados, exatamente esse é o caso dos corpos das criaturas incorporadas. Alguns são destruídos enquanto ainda no útero, alguns depois de saírem do útero, alguns no dia seguinte, alguns na expiração de uma quinzena ou de um mês, algum no término de um ano ou de dois anos, alguns na juventude, alguns na meia-idade, e alguns quando velhos. As criaturas são nascidas ou destruídas de acordo com suas ações em vidas anteriores. Quando tal é o rumo do mundo, por que você então se entrega à aflição? Como os homens, enquanto nadando se divertindo na água, às vezes afundam e às vezes emergem, ó rei, assim mesmo as criaturas afundam e emergem no rio da vida. Aqueles que tem pouca sabedoria sofrem ou encontram destruição como o resultado de suas próprias ações. Aqueles, no entanto, que são sábios, observadores de virtude, e desejosos de fazer o bem para todas as criaturas vivas, eles, familiarizados com a real natureza

do aparecimento das criaturas neste mundo, ao final alcançam o fim mais sublime.”

4

"Dhritarashtra disse, 'Ó principal dos oradores, como pode a selva deste mundo ser conhecida? Eu desejo saber isto. Perguntado por mim, diga-me.'"

"Vidura disse, 'Eu descreverei para ti todas as ações das criaturas desde a sua primeira concepção. No início o ser vive na mistura de sangue e do fluido vital. Então ele cresce pouco a pouco. Então no término do quinto mês ele assume forma. Ele em seguida se torna um feto com todos os seus membros completos, e vive em um lugar muito impuro, coberto com carne e sangue. Então, pela ação do vento, seus membros inferiores são virados para cima e a cabeça vem para baixo. Chegando nesta postura na boca do útero, ele sofre diversas dores. Por consequência das contrações do útero, a criatura então sai dele, dotada dos resultados de todas as suas ações prévias. Ele então encontra neste mundo outros males que avançam em direção a ele. As calamidades procedem em direção a ele como cães ao cheiro da carne. Em seguida diversas doenças se aproximam dele enquanto ele está acorrentado por suas ações anteriores. Atado pelas correntes dos sentidos e mulheres e riquezas e outras coisas doces da vida, diversas práticas más também se aproximam dele então, ó rei! Apanhado por estas, ele nunca obtém felicidade. Nessa época ele não tem êxito em obter o resultado de suas ações, boas ou más. Aqueles, no entanto, que fixam seus corações na reflexão conseguem proteger suas almas. A pessoa governada por seus sentidos não sabe que a morte vem à sua porta. Finalmente, arrastado pelos mensageiros do Destruidor, ele encontra a destruição no tempo estabelecido. Agitado por seus sentidos, por qualquer bem ou mal que tenha sido feito no início, e desfrutando ou sofrendo os frutos destes, ele uma vez mais se torna indiferente às suas ações de auto-massacre. Ai, o mundo é enganado, e a avareza o traz sob seu domínio. Privada de discernimento pela avareza, raiva, e medo, uma pessoa não conhece a si mesma. Cheia de alegria por sua própria respeitabilidade de nascimento, uma pessoa é vista difamando aquelas que não são nobres de nascimento. Inchado também com orgulho de riqueza, alguém é visto desprezando os pobres. Alguém considera outros como tolos ignorantes, mas raramente faz uma avaliação de si mesmo. Alguém atribui falhas a outros, mas nunca deseja punir a si mesmo. Já que os sábios e os ignorantes, os ricos e os pobres, os nobres de nascimento e os de nascimento humilde, os honrados e os desonrados, todos vão para o lugar dos mortos e dormem lá livres de toda ansiedade, com corpos privados de carne e cheios somente de ossos unidos por tendões completamente secos, quem entre eles os sobreviventes considerariam como distintos acima dos outros e por quais sinais eles averiguariam os atributos de nascimento e beleza? Quando todos, esticados da mesma maneira, dormem no solo nu, por que então deveriam os homens, abandonando sua sabedoria, desejar enganar uns aos outros? Aquele que, olhando este ditado (nas escrituras) com seus próprios olhos ou o ouvindo de outros, pratica a virtude neste mundo de

vida instável e adere a esta desde cedo alcança o fim mais sublime. Aprendendo tudo isso, aquele que adere à Verdade, ó rei, consegue atravessar todos os caminhos.”

5

"Dhritarashtra disse, 'Conte-me em detalhes tudo sobre os caminhos daquele conhecimento pelo qual esta selva de deveres pode ser seguramente coberta.'

"Vidura disse, 'Tendo reverenciado o Auto-criado eu obedecerei tua ordem por te dizer como os grandes sábios falam da selva da vida. Certo brahmana, vivendo no grande mundo, se encontrou em uma ocasião em uma floresta inacessível, grande e cheia de animais predadores. Ela abundava por toda parte com leões e outros animais parecidos com elefantes, todos os quais estavam empenhados em rugir alto. Tal era o aspecto daquela floresta que o próprio Yama se assustaria nela. Contemplando a floresta, o coração do brahmana ficou extremamente agitado. Seu cabelo se arrepiou, e outros sinais de medo se manifestaram, ó destruidor de inimigos! Entrando nela, ele começou a correr para lá e para cá, lançando seus olhos em todos os pontos do horizonte para descobrir alguém cuja proteção ele pudesse procurar. Desejando evitar aquelas criaturas terríveis, ele correu apavorado. Ele não conseguiu, no entanto, se distanciar delas ou se livrar de sua presença. Ele então viu que aquela floresta terrível era cercada por uma rede, e que uma mulher terrível ficava lá, esticando seus braços. Aquela grande floresta era também rodeada por muitas cobras de cinco cabeças e de formas terríveis, altas como colinas e tocando o próprio céu. Dentro dela tinha uma cova cuja boca estava coberta com muitas trepadeiras e ervas firmes e inflexíveis. O brahmana, enquanto vagava, caiu naquele buraco invisível. Ele ficou emaranhado naqueles aglomerados de trepadeiras que eram entrelaçados um com os outros, como uma grande fruta de uma jaqueira pendurada por seu caule. Ele continuou pendurado lá, pés para cima e cabeça para baixo. Enquanto ele estava naquela posição, diversas outras calamidades o alcançaram. Ele viu uma cobra grande e forte dentro do buraco. Ele também viu um elefante gigantesco perto da entrada dele. Aquele elefante, de cor escura, tinha seis faces e doze pés. E o animal gradualmente se aproximava daquela cova coberta com trepadeiras e árvores. Sobre os gravetos da árvore (que ficava na abertura da cova), vagavam muitas abelhas de formas terríveis, empenhadas desde antes em beber o mel colhido em seus favos sobre os quais elas enxamearam em grande número. Repetidamente elas desejavam, ó touro da raça Bharata, provar aquele mel que embora doce para todas as criaturas, podia, no entanto, atrair somente as crianças. O mel (coletado nos favos) caía em muitos jatos. A pessoa que estava pendurada na cova bebia continuamente aqueles jatos. Empenhada, em tal situação lamentável, em beber aquele mel, sua sede, no entanto, não podia ser mitigada. Insatisfeita com tais goles repetidos, a pessoa desejava mais. Mesmo assim, ó rei, ele não se tornou indiferente à vida. Mesmo lá, o homem continuou a esperar pela existência. Vários ratos pretos e brancos estavam roendo as raízes daquela árvore. Havia o medo dos animais predadores, daquela mulher feroz nos arredores daquela

floresta, daquela cobra no fundo do poço, daquele elefante perto de seu topo, da queda da árvore pela ação dos ratos, e por fim daquelas abelhas voando por perto para experimentar o mel. Naquela situação ele continuou a viver, privado de sua razão, naquela selva, nunca perdendo em nenhum momento a esperança de prolongar sua vida.”

6

"Dhritarashtra disse, 'Ai, grande era a desgraça daquela pessoa e muito doloroso seu modo de vida! Diga-me, ó principal dos oradores, de onde vinha seu apego à vida e sua felicidade? Onde é aquela região, tão desfavorável para a prática de virtude, na qual aquela pessoa reside? Oh, me diga, como aquele homem será libertado de todos aqueles grandes terrores? Diga-me tudo isso! Nós então nós nos esforçaremos devidamente por ele. Minha compaixão foi muito incitada pelas dificuldades que se encontram no caminho de seu salvamento!'"

"Vidura disse, 'Aqueles que estão familiarizados, ó monarca, com a religião de moksha citam isto como um símile. Compreendendo isto devidamente, uma pessoa pode obter felicidade nas regiões futuras. Aquilo que é descrito como a selva é o grande mundo. A floresta inacessível dentro dela é a esfera limitada da própria vida de uma pessoa. Aqueles que foram citados como animais predadores são as doenças (às quais nós estamos sujeitos). A mulher de proporções gigantescas residindo na floresta é identificada pelos sábios com a Decrepitude que destrói aparência e beleza. O que foi falado como a cova é o corpo ou a moldura física das criaturas incorporadas. A enorme cobra residindo no fundo daquela cova é o tempo, o destruidor de todas as criaturas incorporadas. Ele é, de fato, o destruidor universal. O feixe de trepadeiras crescendo naquela cova e em cujos caules espalhados o homem está pendurado é o desejo pela vida que é nutrido por todas as criaturas. O elefante de seis faces, ó rei, que procede em direção à árvore que fica na boca da cova é citado como o ano. Seus seis rostos são as estações e seus doze pés são os doze meses. Os ratos e as cobras que estão cortando a árvore são os dias e as noites que estão diminuindo constantemente os períodos de vida de todas as criaturas. Os que são descritos como abelhas são os nossos desejos. Os jatos numerosos que estão gotejando mel são os prazeres derivados da satisfação de nossos desejos e nos quais os homens são vistos serem fortemente viciados. Os sábios sabem que tal é o curso da vida. Através desse conhecimento eles conseguem romper seus grilhões.'"

7

"Dhritarashtra disse, 'Excelente é esta parábola que tu narraste! De fato, tu conheces a verdade! Tendo escutado as tuas palavras como néctar, eu desejo ouvir mais de ti.'"

"Vidura disse, 'Ouça-me, ó rei, eu falarei mais uma vez em detalhes sobre aqueles meios, um conhecimento dos quais permite aos sábios se livrarem das amarras do mundo. Como uma pessoa, ó rei, que viaja um longo caminho às vezes é obrigado a parar quando muito fatigada, assim mesmo, ó Bharata, aqueles que tem pouca inteligência, viajando pelo prolongado caminho da vida, tem que fazer frequentes paradas na forma de repetidos nascimentos no útero. Aqueles, no entanto, que são sábios estão livres dessa obrigação. Os homens conhecedores das escrituras, por isto, descrevem o curso da vida como um longo caminho. Os sábios também chamam de floresta a rota da vida com todas as suas dificuldades. As criaturas, ó touro da raça Bharata, móveis ou imóveis, tem que voltar ao mundo repetidamente. Somente o sábio escapa. As doenças, mentais e físicas, às quais os mortais estão sujeitos, visíveis ou invisíveis, são citadas como animais predadores pelos sábios. Os homens são sempre afligidos e impedidos por elas, ó Bharata! Então além disso, aquelas bestas predadoras ferozes, representadas por suas próprias ações na vida, nunca causam qualquer ansiedade àqueles de pouca inteligência. Se alguma pessoa, ó monarca, de alguma maneira escapa das doenças, a Decrepitude, aquela destruidora da beleza, a alcança depois. Mergulhado em um lamaçal pelos objetos dos diferentes sentidos: sons, formas, sabores, toques e aromas, o homem permanece lá sem qualquer coisa para resgatá-lo. Enquanto isso os anos, as estações, os meses, as quinzenas, os dias e as noites, vindo uns depois dos outros, gradualmente o despojam de beleza e diminuem o período concedido a ele. Estes todos são mensageiros da morte. Aqueles, no entanto, que tem pouco discernimento não sabem que eles não assim. Os sábios dizem que todas as criaturas são governadas pelo Ordenador através de suas ações. O corpo de uma criatura é chamado de carro. O princípio vivo é o motorista (daquele carro). Os sentidos são como os corcéis. Nossas ações e a inteligência são os tirantes. Aquele que segue atrás daqueles corcéis corredores tem que vir repetidamente a este mundo em uma sucessão de renascimentos. Aquele, no entanto, que, sendo autocontrolado os reprime por meio de seu discernimento não tem que voltar. Aqueles, de qualquer modo, que não estão entorpecidos enquanto vagando nesta roda da vida que está girando como uma roda real, na verdade não vagam em uma sucessão de renascimentos. Aquele que é sábio deve certamente cuidar para impedir a obrigação do renascimento. Não se deve ser indiferente a isto, pois a indiferença pode nos submeter a isto repetidamente. O homem, ó rei, que dominou seus sentidos e subjugou ira e cobiça, que está contente e é verdadeiro em palavras, consegue obter paz. Este corpo é chamado de carro de Yama. Então aqueles que tem pouca inteligência são entorpecidos por ele. Tal pessoa, ó rei, obterá aquilo que tu obtiveste. A perda de reino, de amigos, e de filhos, ó, Bharata, e tais como estes alcançam aquele que ainda está sob a influência do desejo. Aquele que é sábio deve aplicar o remédio da inteligência para todas as grandes angústias. De fato, obtendo o remédio da sabedoria, que é realmente muito eficaz e é quase inalcançável, o homem de alma controlada mata aquela séria doença chamada tristeza. Nem destreza, nem riqueza, nem amigos, nem benquerentes podem curar um homem de sua dor tão eficazmente quanto a alma autocontrolada. Portanto, observador do grande dever da abstenção de todas as injúrias, ou amizade por todas as criaturas, seja de comportamento pio, ó Bharata!

Autodomínio, renúncia e atenção são os três corcéis de Brahman. Aquele que sobe no carro de sua alma, ao qual estão unidos estes corcéis, com a ajuda de tirantes providos por boa conduta, e o dirige, rejeitando todo o medo da morte, procede, ó rei, para as regiões de Brahman. Aquela pessoa, ó monarca, que dá a todas as criaturas uma garantia de sua inofensividade, vai para as mais elevadas das regiões, ao reino abençoado de Vishnu. O resultado que uma pessoa obtém por uma garantia a todas as criaturas de sua inofensividade não pode ser obtido por 1.000 sacrifícios ou por jejuns diários. Entre todas as coisas certamente não há nada mais caro do que o eu. A morte é certamente desgostada por todas as criaturas, ó Bharata! Portanto, compaixão deve certamente ser mostrada a todos. Dotados de diversos tipos de erros envolvidos pela rede de sua própria inteligência, aqueles que são maus e são de boa visão vagam repetidamente sobre a terra. Aqueles, no entanto, que são sábios e dotados de visão sutil alcançam uma união com Brahman.”

8

Vaisampayana disse, "Mesmo depois de ouvir as palavras de Vidura, o chefe dos Kurus, afligido pela dor por causa da morte de seus filhos, caiu sem sentidos sobre a Terra. Vendo-o cair naquele estado, seus amigos, como também Vyasa nascido na ilha, e Vidura, e Sanjaya, e outros benquerentes, e os atendentes que costumavam servir nos portões e que desfrutavam de sua confiança, borrifaram água fria sobre o corpo dele, e o abanaram com folhas de palmeira, e esfregaram-no suavemente com suas mãos. Por um longo tempo eles confortaram o rei naquela condição. O monarca, recuperando seus sentidos depois de muito tempo, chorou muito, dominado pela tristeza por conta da morte de seus filhos. Ele disse, 'Que vergonha para a condição de humanidade! Que vergonha para o corpo humano! As dores que são sofridas nesta vida frequentemente resultam da própria condição de humanidade. Ai, ó senhor, grande é a tristeza, como veneno ou fogo, que alguém sofre pela perda de filhos, de riqueza, de amigos, e parentes. Essa tristeza faz os membros queimarem e a nossa sabedoria ser destruída. Dominado por essa aflição, uma pessoa considera que a morte é preferível. Esta calamidade que me alcançou por má sorte é exatamente assim. Ela não irá, eu vejo, acabar exceto com a própria vida. Ó melhor dos regenerados, eu irei, portanto, por um fim na minha vida neste mesmo dia.' Tendo dito estas palavras para seu pai de grande alma, aquela principal dentre todas as pessoas conhecedoras de Brahman, Dhritarashtra, subjugado pela angústia, ficou entorpecido. O rei, ó monarca, refletindo sobre suas aflições, ficou estupefato. Ouvindo estas palavras dele, o pujante Vyasa falou dessa maneira para seu filho atormentado pelo pesar pela morte de seus filhos.”

"Vyasa disse, 'Ó Dhritarashtra de braços poderosos, escute o que eu digo. Tu possuis erudição, tu tens grande inteligência e, ó poderoso, és hábil em compreender deveres. Nada daquilo que deve ser sabido é desconhecido para ti, ó destruidor de inimigos! Sem dúvida, tu conheces a instabilidade de todas as coisas fadadas à morte. Quando o mundo de vida é instável, quando este mundo

não é eterno, quando a vida é certa de terminar na morte, por que então, ó Bharata, tu sofres? Perante teus próprios olhos, ó rei, a concatenação de fatos ocasionada pelo Tempo, fazendo do teu filho a causa, produziu esta hostilidade. Esta destruição dos Kurus, ó rei, era inevitável. Por que então tu choras por aqueles heróis que alcançaram o fim mais sublime? Ó tu de braços poderosos, Vidura de grande alma sabia tudo. Com todo seu poder ele se esforçou, ó rei, para ocasionar a paz. É minha opinião que a direção marcada pelo Destino não pode ser controlada por ninguém, mesmo que se lute pela eternidade. O rumo que foi determinado pelos deuses foi ouvido diretamente por mim. Eu o relatarei para ti, para que tu possas ter tranquilidade mental. Uma vez antes, sem qualquer fadiga, eu viajei muito rapidamente à corte de Indra. Lá eu vi todos os habitantes do céu reunidos. Havia, ó impecável, todos os rishis celestes também, encabeçados por Narada. Lá, ó monarca, eu vi também a Terra (em sua forma incorporada). A última tinha ido aos deuses para a realização de uma missão específica. Se aproximando dos deuses, ela disse, 'Aquilo que todos vocês devem fazer por mim, ó abençoados, já foi prometido por vocês enquanto vocês estavam na residência de Brahma. Que aquilo seja realizado logo.' Ouvindo estas palavras dela, Vishnu, o adorado de todos os mundos, dirigiu-se sorridente a ela no meio do conclave celeste, dizendo, 'O mais velho dos cem filhos de Dhritarashtra, que é conhecido pelo nome de Duryodhana, realizará teu trabalho. Através daquele rei teu propósito será realizado. Por causa dele, muitos reis se reunirão no campo de Kuru. Hábeis em golpear, eles matarão uns aos outros por meio de armas sólidas. É evidente, ó deusa, que tua carga será aliviada em batalha. Vá rapidamente para tua própria residência e continue a sustentar o peso das criaturas, ó bela!' Disto tu deves entender, ó rei, que teu filho Duryodhana, nascido no útero de Gandhari, era uma porção de Kali, nascido para o objetivo de causar uma matança universal. Ele era vingativo, impaciente, colérico, e difícil de ser satisfeito. Pela influência do Destino os irmãos dele também se tornaram como ele. Sakuni se tornou seu tio materno e Karna seu grande amigo. Muitos outros reis nasceram sobre a terra para ajudar no trabalho de destruição. Como o rei é, assim também se tornam seus súditos. Se o rei se torna justo, até a injustiça (em seus domínios) assume a forma de justiça. Servos, sem dúvida, são afetados pelos méritos e defeitos de seus patrões. Aqueles teus filhos, ó rei, tendo obtido um rei mau, foram todos destruídos. Conhecedor da verdade, Narada sabia disso tudo. Teus filhos, pelos próprios erros deles, foram todos destruídos, ó rei! Não te aflija por eles, ó monarca! Não há causa para aflição. Os Pandavas não tem, ó Bharata, a menor culpa no que aconteceu. Teus filhos eram todos de almas pecaminosas. Foram eles que causaram essa destruição sobre a terra. Abençoado sejas tu; Narada realmente informou Yudhishtira de tudo isso em sua corte na ocasião do sacrifício Rajasurya, dizendo, 'Os Pandavas e os Kauravas, combatendo uns aos outros, encontrarão a destruição. Faça aquilo, ó filho de Kunti, que tu deves fazer!' Após estas palavras de Narada, os Pandavas ficaram cheios de aflição. Eu assim te disse este que é um segredo eterno dos deuses. Isto destruirá tua dor e devolverá teu amor à vida, e te fará nutrir afeição pelos Pandavas, porque tudo o que aconteceu foi devido ao que foi ordenado pelos deuses. Ó tu de braços poderosos, eu fiquei sabendo de tudo isto algum tempo antes. Eu também falei disto para o rei Yudhishtira, o justo, na ocasião do seu principal dos sacrifícios, o

Rajasurya. Quando eu secretamente o informei de tudo isto, o filho de Dharma se esforçou o melhor que podia para preservar a paz com os Kauravas. Aquilo, no entanto, que é ordenado pelos deuses se mostrou poderoso demais (para ser frustrado por ele). O decreto, ó rei, do Destruidor, não pode ser impedido de qualquer modo por criaturas móveis e imóveis. Tu és dedicado à virtude e és possuidor de inteligência superior, ó Bharata! Tu sabes também qual é o caminho e qual não é o caminho de todas as criaturas. Se o rei Yudhishtira souber que tu estás queimando de angústia e perdendo teus sentidos frequentemente ele rejeitará seu próprio ar vital. Ele é sempre compassivo e possui sabedoria. Sua bondade se estende até a todas as criaturas inferiores. Como é possível, ó rei, que ele não mostre compaixão por ti, ó monarca? Por minha ordem, e sabendo que o que é ordenado é inevitável, como também por bondade com os Pandavas, continue para a manter tua vida, ó Bharata! Se tu viveres assim, tua fama se espalhará pelo mundo. Tu então poderás adquirir um conhecimento de todos os deveres e ter muitos anos para obter mérito ascético. Esta tristeza pela morte de teus filhos que surgiu no teu coração, como um fogo ardente, deve sempre ser extinta, ó rei, pela água da sabedoria!”

Vaisampayana continuou, "Ouvindo estas palavras de Vyasa de energia incomensurável e refletindo sobre elas por um momento, Dhritarashtra disse, 'Ó melhor dos regenerados, eu estou extremamente aflito por uma carga pesada de aflição. Meus sentidos estão me abandonando repetidamente e eu sou incapaz de me manter firme. Ouvindo, no entanto, estas tuas palavras sobre o que foi ordenado pelos deuses, eu não pensarei em abandonar minha vida e viverei e agirei sem ceder ao pesar!' Ouvindo estas palavras de Dhritarashtra, ó monarca, Vyasa, o filho de Satyawati, desapareceu em seguida."

9

Janamejaya disse, "Depois que o santo Vyasa tinha ido embora, o que, ó sábio regenerado, fez o rei Dhritarashtra? Cabe a ti me dizer isto. O que também fez o rei Kuru, o filho de grande alma de Dharma? E o que também aqueles três, Kripa e os outros, fizeram? Eu ouvi sobre as façanhas de Ashvatthama e a mútua pronúncia de maldições. Conte-me o que aconteceu em seguida e o que Sanjaya disse (ao velho rei)."

Vaisampayana disse, "Depois que Duryodhana tinha sido morto e todas as tropas massacradas, Sanjaya, privado de sua visão espiritual, voltou para Dhritarashtra."

"Sanjaya disse, 'Os reis de diversos povos, vindos de diversos reinos, todos, ó rei, foram para as regiões dos mortos, junto com teus filhos. Teu filho, ó rei, que tinha sido constantemente implorado (por paz), mas que sempre desejou terminar sua hostilidade, (com os Pandavas por massacrá-los), fez a terra ser exterminada. Ó rei, faça com que os ritos fúnebres de teus filhos e netos e amigos sejam realizados segundo a ordem devida!'"

Vaisampayana continuou, "Ouvindo estas palavras terríveis de Sanjaya, o rei caiu no chão e ficou imóvel como alguém carente de vida. Se aproximando do monarca que estava deitado prostrado na Terra, Vidura, familiarizado com todos os deveres, disse estas palavras: 'Levante, ó rei, por que tu ficas assim? Não sofra, ó touro da raça Bharata! Este mesmo, ó senhor da Terra, é o fim de todas as criaturas. A princípio as criaturas são não-existentes. Entrementes, ó Bharata, elas se tornam existentes. No fim, elas mais uma vez se tornam inexistentes. Que causa para tristeza há em tudo isto? Por ceder à tristeza, uma pessoa não pode obter de volta os mortos. Por ceder à tristeza, a própria pessoa não pode morrer. Quando tal é o rumo do mundo, por que tu te entregas à dor? Alguém pode morrer sem ter se envolvido em batalha. Alguém também pode escapar com vida depois de ter se envolvido em batalha. Mas quando chega o Tempo, ó rei, não se pode escapar! O Tempo arrasta todas as espécies de criaturas. Não há ninguém caro ou odioso para o Tempo, ó melhor dos Kurus! Como o vento arranca as extremidades de todas as folhas de ervas, assim mesmo as criaturas, ó touro da raça Bharata, são trazidas pelo Tempo sob sua influência. Todas as criaturas são como membros da mesma caravana em viagem para o mesmo destino. Que causa de tristeza há se o Tempo encontra uma pessoa um pouco mais cedo do que outra? Aqueles, além disso, ó rei, que caíram em batalha e por quem tu te afliges, não são realmente objetos de teu pesar, já que todos aqueles ilustres foram para o céu. Por sacrifícios com presentes abundantes, por austeridades ascéticas, e por conhecimento, as pessoas não podem ir tão facilmente para o céu quanto heróis por coragem em batalha. Todos aqueles heróis eram familiarizados com os Vedas; todos eles eram observadores de votos e todos eles pereceram encarando o inimigo em batalha. Que causa de tristeza há então? Eles despejaram suas libações de flechas sobre os corpos de seus inimigos corajosos como sobre um fogo. Os principais dos homens, eles suportaram em retorno libações de flechas despejadas sobre eles mesmos. Eu te digo, ó rei, que não há melhor caminho para o céu para um Kshatriya do que através da batalha. Todos eles eram Kshatriyas de grande alma, todos eles eram heróis e ornamentos de assembléias. Eles alcançaram um estado superior de bem-aventurança. Não se deve se afligir por eles. Conforte a ti mesmo. Não sofra, ó touro entre homens! Não cabe a ti te permitir ser dominado pela tristeza e abandonar toda ação.'"

10

Vaisampayana disse, "Ouvindo estas palavras de Vidura, aquele touro da raça Bharata (Dhritarashtra) pediu que seu carro fosse emparelhado. O rei mais uma vez disse, 'Traga Gandhari para cá sem demora, e todas as senhoras Bharata. Traga Kunti também, assim como as outras senhoras com ela.' Tendo dito estas palavras a Vidura, conhecedor de todo dever, Dhritarashtra de alma justa, privado de sua razão pela tristeza, subiu em seu carro. Então Gandhari, angustiada por causa da morte de seus filhos, acompanhada por Kunti e as outras senhoras da família real, foi por ordem de seu marido para aquele local onde o último estava esperando por ela. Afligidas pela tristeza, elas se aproximaram juntas do rei.

Quando eles se encontraram, eles falaram uns com os outros e proferiram lamentos altos de aflição. Então Vidura, que tinha ficado mais angustiado do que aquelas senhoras, começou a consolá-las. Colocando aquelas formosas lacrimosas nos carros que estavam preparados para elas, ele partiu (com elas), da cidade. Naquela hora um lamento alto de dor ergueu-se de todas as casas Kuru. A cidade inteira, inclusive as próprias crianças, ficou extremamente atormentada pela tristeza. Aquelas senhoras que antes disto não tinham sido vistas pelos próprios deuses estavam agora desamparadas, pela perda de seus maridos, quando elas foram vistas pelas pessoas comuns. Com suas tranças belas todas despenteadas e seus ornamentos perdidos, aquelas senhoras, vestidas cada uma em uma única peça de vestuário, procederam muito tristemente. De fato, elas saíram de suas casas parecendo montanhas brancas, como um bando de veados rajados de suas cavernas da montanha depois da queda de seu líder. Aquelas senhoras formosas, em grupos sucessivos, ó rei, saíram, cheias de tristeza, e correram para lá e para cá como um grupo de potranças em uma área circular. Agarrando umas às outras pelas mãos, elas proferiram lamentos altos por seus filhos e irmãos e pais. Elas pareciam exibir a cena que ocorre na ocasião da destruição universal no fim do Yuga. Chorando e gritando e correndo para lá e para cá, e privadas de razão pela dor, elas não sabiam o que fazer. Aquelas senhoras, que antigamente sentiam rubor de modéstia na presença até de companheiras de seu próprio sexo, agora não coraram de vergonha, embora precariamente vestidas, ao aparecerem diante de suas sogras. Antigamente elas costumavam consolar umas às outras quando aflitas até com causas leves de aflição. Entorpecidas pela dor, elas agora, ó rei, se abstinham até de lançar seus olhos umas sobre as outras. Cercado por aquelas milhares de senhoras lamentosas, o rei saiu tristemente da cidade e procedeu com velocidade em direção ao campo de batalha. Artesões e comerciantes e Vaishyas e todos os tipos de mecânicos, saindo da cidade, seguiram atrás do rei. Enquanto aquelas damas, afligidas pela destruição indiscriminada que tinha alcançado os Kurus, choravam de tristeza, um alto lamento ergueu-se dentre elas que pareceu perfurar todos os mundos. Todas as criaturas que ouviram aquele lamento pensaram que a hora da destruição universal tinha chegado, quando todas as coisas são consumidas pelo fogo que surge no fim do Yuga. Os cidadãos também (de Hastinapura), dedicados à casa de Kuru, com corações cheios de ansiedade pela destruição que tinha alcançado seus governantes, proferiram, ó rei, um lamento que era tão alto quanto aquele proferido por aquelas senhoras."

11

Vaisampayana disse, "Dhritarashtra não tinha procedido por mais do que duas milhas quando ele encontrou com aqueles grandes guerreiros em carros, Kripa, o filho de Sharadvata, o filho de Drona (Ashvatthama), e Kritavarma. Logo que os últimos viram o monarca cego possuidor de grande poder, os três heróis suspiraram de tristeza e com as vozes sufocadas em lágrimas se dirigiram lamentosamente a ele, dizendo, 'Teu nobre filho, ó rei, tendo realizado as mais

díficeis façanhas, com todos os seus seguidores, foi para região de Indra. Nós três somos os únicos guerreiros em carros do exército de Duryodhana que escaparam com vida. Todos os outros, ó touro da raça Bharata, pereceram.' Tendo dito estas palavras ao rei, Kripa, o filho de Sharadvata, se dirigindo a Gandhari atormentada pela tristeza, disse estas palavras a ela, 'Teus filhos caíram enquanto empenhados em realizar feitos dignos de heróis, enquanto lutando destemidamente em batalha e derrubando grande número de inimigos. Sem dúvida, tendo alcançado aqueles mundos brilhantes que são alcançáveis somente pelo uso de armas, eles estão se entretendo lá como os celestiais, tendo assumido formas resplandcentes. Entre aqueles heróis não houve algum que recuou da batalha. Todos eles morreram por meio da extremidade ou fio de armas. Nenhum deles uniu suas mãos, implorando por piedade. É dito pelos antigos que morte em batalha pela extremidade ou fio de armas é o fim mais elevado que um Kshatriya pode obter. Não cabe a ti, portanto, te afligir por algum deles. Seus inimigos, ó rainha, os Pandavas, também, não foram mais afortunados. Escute o que nós, encabeçados por Ashvatthama, fizemos a eles. Sabendo que teu filho tinha sido morto injustamente por Bhima, nós massacrámos os Pandavas depois de entrarmos em seu acampamento mergulhado no sono. Todos os Pancalas estão mortos. De fato, todos os filhos de Drupada, como também todos os filhos de Draupadi, foram mortos. Tendo feito esta carnificina dos filhos de nossos inimigos, nós estamos fugindo, já que nós três não poderemos resistir em batalha com eles. Nossos inimigos, os Pandavas, são todos heróis e arqueiros poderosos. Eles logo nos alcançarão, cheios de raiva, para se vingarem de nós. Sabendo da morte de seus filhos, aqueles touros entre homens, enfurecidos, aqueles heróis, ó senhora ilustre, seguirão nosso rastro rapidamente. Tendo causado uma carnificina (em seu acampamento adormecido) nós não ousamos ficar. Conceda-nos tua permissão, ó rainha! Não cabe a ti colocar teu coração na tristeza. Conceda-nos tua permissão também, ó rei! Convoque toda a tua fortaleza. Observe tu também os deveres de um Kshatriya em sua mais elevada forma.' Tendo dito estas palavras ao rei, e circungirando-o, Kripa e Kritavarma e o filho de Drona, ó Bharata, sem serem capazes de afastar seus olhos do rei Dhritarashtra possuidor de grande sabedoria, incitaram seus corcéis em direção às margens do Ganga. Movendo-se para longe daquele local, ó rei, aqueles grandes guerreiros em carros, com corações mergulhados em ansiedade, se despediram uns dos outros e se separaram. Kripa, o filho de Sharadvata, foi para Hastinapura; o filho de Hridika viajou para seu próprio reino; enquanto o filho de Drona rumou para o retiro de Vyasa. Assim aqueles heróis, que tinham ofendido os filhos grande alma de Pandu, procederam respectivamente para os locais que eles escolheram, afligidos pelo medo e olhando uns para os outros. Tendo encontrado o rei dessa forma, aqueles bravos destruidores de inimigos, antes do sol se erguer, foram embora, ó monarca, para os lugares que escolheram. E foi depois disto, ó rei, que os filhos de Pandu, aqueles grandes guerreiros em carros, encontraram o filho de Drona, e aplicando sua destreza, o derrotaram, ó monarca, (da maneira já relatada)."

12

Vaisampayana disse, "Depois que todos os guerreiros tinham sido mortos, o rei Yudhishtira o justo soube que seu tio Dhritarashtra tinha saído da cidade chamada de elefante. Afligido pela dor por causa da morte de seus filhos, Yudhishtira, ó rei, acompanhado por seus irmãos, saiu para encontrar seu tio, cheio de tristeza e dominado pelo pesar pela morte de seus (cem) filhos. O filho de Kunti foi seguido pelo heróico Krishna de grande alma da tribo Dasharha, e por Yuyudhana, como também por Yuyutsu. A princesa Draupadi também, queimando de angústia, e acompanhada por aquelas damas Pancala que estavam com ela, seguiu seu marido tristemente. Yudhishtira contemplou perto das margens do Ganga, ó rei, a multidão das senhoras Bharata afligidas pela dor e gritando como um bando de águias pescadoras. O rei foi logo cercado por aquelas milhares de senhoras que, com braços erguidos em mágoa, estavam lamentando alto e dando expressão a todos os tipos de palavras, agradáveis e desagradáveis: 'Onde, de fato, está aquela virtude do rei, onde estão a verdade e a compaixão, já que ele matou pais e irmãos e preceptores e filhos e amigos? Como, ó de braços fortes, teu coração fica tranquilo depois de causar a morte de Drona, do teu avô Bhishma, e de Jayadratha? Que necessidade tu tens de soberania, depois de ter visto os teus antepassados e irmãos, ó Bharata, e o irresistível Abhimanyu e os filhos de Draupadi, mortos dessa maneira?' Passando por aquelas senhoras gritando como um bando de águias pescadoras, o rei Yudhishtira de braços fortes, o justo, saudou os pés de seu tio mais velho. Tendo saudado seu superior de acordo com o costume, aqueles matadores de inimigos, os Pandavas, se anunciaram para ele, cada um proferindo seu próprio nome. Dhritarashtra, extremamente afligido pela dor pela morte de seus filhos, então abraçou relutantemente o filho mais velho de Pandu, que foi a causa daquele massacre. Tendo abraçado Yudhishtira, o justo, e falado umas poucas palavras de consolo para ele, ó Bharata, Dhritarashtra de alma pecaminosa procurou Bhima, como um fogo ardente pronto para queimar tudo o que se aproximasse. De fato, aquele fogo de sua ira, atizado pelo vento de sua dor, parecia então estar pronto para consumir a floresta-Bhima. Averiguando as más intenções nutridas por ele com relação a Bhima, Krishna, arrastando para longe o verdadeiro Bhima, apresentou uma estátua de ferro do segundo filho de Pandu ao velho rei. Possuidor de grande inteligência, Krishna tinha, desde o início, percebido as intenções de Dhritarashtra, e tinha, portanto, mantido tal instrumento preparado para frustrá-las. Agarrando com seus dois braços aquele Bhima de ferro, o rei Dhritarashtra, possuidor de grande força, quebrou-o pedaços, pensando que ele era o próprio Bhima em carne e sangue. Dotado de força igual àquela de 10.000 elefantes, o rei reduziu aquela estátua a fragmentos. Seu próprio peito, no entanto, ficou consideravelmente machucado e ele começou a vomitar sangue. Coberto com sangue, o rei caiu no chão como uma árvore parijata coberta com sua carga florida. Seu quadrigário erudito Sanjaya, o filho de Gavalgana, ergueu o monarca e acalmando-o e consolando-o, e disse, 'Não aja assim.' O rei então abandonou sua ira e voltou à sua disposição normal, e ficou cheio de aflição e começou a gritar, dizendo, 'Ai, oh Bhima, ai, oh Bhima!' Compreendendo que ele não estava mais sob a influência da cólera, e que ele

estava realmente arrependido de ter (como ele acreditava) matado Bhima, Vasudeva, aquele principal dos homens, disse estas palavras, 'Não sofra, ó Dhritarashtra, pois tu não mataste Bhimasena! Era uma estátua de ferro, ó rei, aquilo que foi quebrado por ti! Percebendo que tu estavas cheio de raiva, ó touro da raça Bharata, eu arrastei o filho de Kunti para longe de dentro das mandíbulas da Morte. Ó tigre entre reis, não há ninguém igual a ti em força de corpo. Que homem poderia, ó tu de braços poderosos, suportar a pressão dos teus braços? De fato, como não se pode escapar com vida de um encontro com o próprio Destruidor, assim nenhum corpo pode sair seguro de dentro do teu abraço. Foi por isso que aquela estátua de Bhima, que foi mandada fazer por teu filho, foi mantida preparada para ti. Pela dor pela morte de teus filhos tua mente se desviou da retidão. É por isso, ó grande rei, que tu procuraste matar Bhimasena. A morte de Bhima, no entanto, ó rei, não te faria bem. Teus filhos, ó monarca, não seriam revividos por isto. Portanto, aprove o que foi feito por nós com a intenção de assegurar a paz e não coloque teu coração na tristeza!'"

13

Vaisampayana disse, "Certas criadas então se aproximaram do rei para lavá-lo. Depois que ele tinha sido lavado devidamente, o matador de Madhu se dirigiu a ele novamente, dizendo, 'Tu, ó rei, leste os Vedas e diversas escrituras. Tu ouviste todas as histórias antigas, e tudo sobre os deveres dos reis. Tu és erudito, possuidor de grande sabedoria, e indiferente à força e fraqueza. Por que então tu nutres tal ira quando tudo o que te ocorreu é o resultado do teu próprio erro? Eu falei contigo antes da batalha. Ambos Bhishma e Drona, ó Bharata, fizeram o mesmo, como também Vidura e Sanjaya. Tu, entretanto, não seguiste nosso conselho. De fato, embora exortado por nós, tu ainda assim não agiste de acordo com os conselhos que nós oferecemos, sabendo que os Pandavas eram superiores a ti e aos teus, ó Kauravya, em força e coragem. Aquele rei que é capaz de ver suas próprias falhas, e conhece as distinções de hora e lugar obtém grande prosperidade. Aquela pessoa, no entanto, que, embora aconselhada por benquerentes, não aceita as palavras deles, boas ou más, encontra infortúnio e é obrigada a sofrer por consequência da má política que adota. Observe um diferente rumo de vida agora, ó Bharata! Tu não mantiveste tua alma sob restrição, mas te permitiste ser governado por Duryodhana. Isto que te aconteceu é devido à tua própria falha. Por que então tu procuras matar Bhima? Lembrando dos teus próprios erros, governe tua ira agora. Aquele patife pecaminoso que, por orgulho, fez a princesa de Pancala ser levada à assembléia foi morto por Bhimasena em uma vingança justa. Olhe para teus próprios maus atos como também aqueles do teu filho de alma pecaminosa. Os filhos de Pandu são totalmente inocentes. Ainda assim eles foram tratados muito cruelmente por ti e por ele.'"

Vaisampayana continuou, "Depois que a ele tinha sido dita só a verdade por Krishna, ó monarca, ó rei Dhritarashtra respondeu ao filho de Devaki, dizendo, 'É assim mesmo, ó tu de braços poderosos! O que tu disseste, ó Madhava, é

perfeitamente verdadeiro. Foi a afeição paterna, ó tu de alma justa, que me fez me desviar da retidão. Por boa sorte, aquele tigre entre homens, o poderoso Bhima de bravura verdadeira, protegido por ti, não veio para dentro do meu abraço. Agora, no entanto, eu estou livre da ira e agitação. Eu desejo avidamente, ó Madhava, abraçar aquele herói, o segundo filho de Pandu. Quando todos os reis estão mortos, quando meus filhos não existem mais, dos filhos de Pandu dependem meu bem-estar e felicidade.’ Tendo dito estas palavras, o velho rei então abraçou aqueles príncipes de constituições físicas excelentes, Bhima e Dhananjaya, e aqueles dois principais dos homens, os dois filhos de Madri, e chorou, e consolou e pronunciou bênçãos sobre eles.”

14

Vaisampayana disse, "Mandados por Dhritarashtra, aqueles touros da raça Kuru, os irmãos Pandavas, acompanhados por Keshava, então foram ver Gandhari. A impecável Gandhari, aflita por causa da morte de seus cem filhos, lembrando que o rei Yudhishtira o justo tinha matado todos os seus inimigos, desejava amaldiçoá-lo. Percebendo suas más intenções com relação aos Pandavas, o filho de Satyawati foi ele mesmo neutralizá-las no próprio início. Tendo se purificado pela água sagrada e fresca do Ganga, o grande rishi, capaz de ir a todos os lugares à vontade com a velocidade da mente, chegou àquele local. Capaz de ver o coração de todas as criaturas com sua visão espiritual e com sua mente dirigida para isto, o sábio fez seu aparecimento lá. Dotado de grande mérito ascético e sempre aplicado em dizer o que era para o benefício das criaturas, o rishi, endereçando-se a sua nora no momento apropriado, disse, ‘Não te aproveite desta oportunidade para pronunciar uma maldição. Por outro lado, a utilize para mostrar teu perdão. Tu não deves ficar zangada com os Pandavas, ó Gandhari! Coloque teu coração na paz. Reprima as palavras que estão prestes a saírem de teus lábios. Escute meu conselho. Teu filho, desejoso de vitória, te pediu todos os dias pelos dezoito dias que a batalha durou, dizendo, ‘Ó mãe, abençoe a mim que estou lutando com meus inimigos.’ Rogada todos os dias nestas palavras por teu filho desejoso de vitória, a resposta que tu sempre davas a ele era, ‘A vitória está onde a justiça está’. Eu, ó Gandhari, não me lembro que quaisquer palavras faladas por ti tenham se tornado falsas. Aquelas palavras, portanto, que tu, rogada por Duryodhana, disseste a ele, não podiam ser falsas. Tu és sempre dedicada ao bem de todas as criaturas. Tendo sem dúvida alcançado a outra margem naquela batalha terrível de Kshatriyas, os filhos de Pandu certamente ganharam a vitória e uma medida de justiça que é muito maior. Tu eras antigamente observadora da virtude do perdão. Por que tu não a observas agora? Subjugue a injustiça, ó tu que conheces a justiça. Há vitória onde há justiça. Lembrando da tua própria retidão e das palavras faladas por ti, reprima tua cólera, ó Gandhari! Não aja de outra maneira, ó tu que és bela em palavras.’ Ouvindo estas palavras, Gandhari disse, ‘Ó santo, eu não nutro quaisquer maus sentimentos pelos Pandavas, nem eu desejo que eles pereçam. Por causa, entretanto, da angústia pela morte de meus filhos, meu coração está muito

agitado. Eu sei que eu devo proteger os Pandavas com tanto cuidado quanto a própria Kunti os protege, e que Dhritarashtra também deve protegê-los como eu devo. Pelo erro de Duryodhana e de Shakuni, o filho de Subala, e pela ação de Karna e Duhsasana, o extermínio dos Kurus ocorreu. Nesta questão nem a menor culpa pode se atribuir a Vibhatsu ou ao filho de Pritha, Vrikodara, ou Nakula ou Sahadeva, ou ao próprio Yudhishtira. Enquanto envolvidos em batalha, os Kauravas, cheios de arrogância e orgulho, caíram junto com muitos outros (que tinham vindo ajudá-los). Eu não sofro por isto. Mas houve um ato feito por Bhima na própria presença de Vasudeva que (provoca meu ressentimento). Vrikodara de grande alma, tendo desafiado Duryodhana para um terrível combate com maças, e vindo a saber que meu filho, enquanto se movimentando de diversas maneiras na batalha, era superior a ele em habilidade, golpeou o último abaixo do umbigo. Isto é o que provoca minha ira. Por que heróis deveriam, por suas vidas, abandonar obrigações de dever que foram determinadas por pessoas de grande alma conhecedoras de todos os deveres?’

15

Vaisampayana disse, "Ouvindo estas palavras de Gandhari, Bhimasena, parecendo com alguém assustado, disse estas palavras para acalmá-la, 'O ato seja justo ou injusto, ele foi feito por mim por medo e para o objetivo de me proteger. Cabe a ti, portanto, me perdoar agora. Teu filho poderoso não podia ser morto por alguém em uma luta justa e correta. Foi por isso que eu fiz o que era injusto. O próprio Duryodhana antigamente venceu Yudhishtira injustamente. Ele costumava sempre se comportar fraudulentamente com relação a nós. Foi por isso que eu tive que recorrer a uma ação injusta. Teu filho era então o único guerreiro que não tinha sido morto do seu lado. Para que aquele príncipe valente não pudesse me matar no combate com maças e nos privar mais uma vez do nosso reino, eu agi daquela maneira. Tu sabes tudo o que teu filho disse à princesa de Pancala enquanto a última, em sua época, estava vestida em uma única peça de roupa. Sem termos nos livrado de Suyodhana era impossível para nós governarmos pacificamente toda a terra com seus mares. Foi por isso que eu agi daquela maneira. Teu filho infligiu muitos males a nós. No meio da assembléia ele mostrou sua coxa esquerda para Draupadi. Por aquele comportamento pecaminoso, teu filho merecia ser morto por nós naquele momento. Por ordem, no entanto, do rei Yudhishtira o justo, nós nos permitimos ser reprimidos por aquele acordo que tinha sido feito. Por estes meios, ó rainha, teu filho provocou hostilidades mortais conosco. Grandes foram nossos sofrimentos na floresta (para onde nós fomos forçados por teu filho). Lembrando de tudo isto, eu agi daquela maneira. Tendo matado Duryodhana em batalha, nós alcançamos o fim das nossas hostilidades. Yudhishtira obteve seu reino de volta, e nós também estamos livres da ira.' Ouvindo estas palavras de Bhima, Gandhari disse, 'Visto que tu exaltas meu filho dessa maneira (por sua habilidade em batalha), ele não merecia tal morte. Ele, no entanto, fez tudo isso que tu me disseste. Quando Vrishasena, no entanto, privou Nakula de seus corcéis, ó Bharata, tu bebeste em

batalha o sangue do corpo de Duhshasana! Tal ato é cruel e é censurado pelos bons. Ele combina somente com uma pessoa que é muito indigna de respeito. Foi uma ação pecaminosa, ó Vrikodara, que foi então realizada por ti! Isto foi indigno de ti.' Bhima respondeu, dizendo, 'É impróprio beber o sangue até de um desconhecido, o que dizer então sobre beber o sangue de seu próprio ser? Um irmão é como a própria pessoa. Não há diferença entre eles. O sangue, no entanto, (que eu sou considerado como tendo bebido), ó mãe, não passou por meus lábios e dentes. Karna soube bem disto. Minhas mãos somente foram lambuzadas com o sangue (de Duhshasana). Vendo Nakula privado de seus corcéis por Vrishasena em batalha, eu fiz os regozijantes irmãos (Kaurava) se encherem de medo. Quando depois da partida de dados as tranças de Draupadi foram agarradas, eu proferi certas palavras com raiva. Aquelas palavras estão ainda na minha lembrança, eu iria, por todos os anos que estão por vir, ser considerado como tendo me desviado dos deveres de um Kshatriya se eu tivesse deixado de cumprir meu voto. Foi por isso, ó rainha, que eu fiz aquela ação. Não cabe a ti, ó Gandhari, imputar qualquer falha a mim. Não tendo refreado teus filhos no passado, cabe a ti imputar qualquer falha às nossas pessoas inocentes?'"

"Gandhari disse, 'Não vencido por alguém, tu mataste uma centena de filhos deste homem velho. Oh, por que tu não poupaste, ó filho, pelo menos um filho deste velho casal privado de reino, um cujas ofensas fossem mais leves? Por que tu não deixaste nem uma muleta para este casal cego? Ó filho, embora tu vivesses ileso, tendo matado todos os meus filhos, nenhuma dor seria minha se tu tivesses adotado o caminho da justiça (ao matá-los).'"

Vaisampayana continuou, "Tendo dito estas palavras, Gandhari, cheia de ira pela morte de todos os seus filhos e netos, perguntou por Yudhishtira, dizendo, 'Onde está o rei?' Depois que ela tinha dito estas palavras, o rei Yudhishtira, tremendo e com mãos unidas, se aproximou dela e disse estas palavras gentis a ela, 'Aqui está Yudhishtira, ó deusa, este cruel assassino de teus filhos! Eu mereço tuas maldições, pois eu sou a causa desta destruição universal. Oh, me amaldiçoe! Eu não tenho mais qualquer necessidade de vida, de reino, de prosperidade! Tendo feito tais amigos serem mortos, eu demonstrei que sou um grande tolo e alguém que tem ódio dos amigos.' Para Yudhishtira que falou tais palavras, que estava tomado pelo medo, e que estava em sua presença, Gandhari, dando longos suspiros, não disse nada. Conhecedora das regras de justiça, a rainha Kuru, possuidora de grande previdência, dirigiu seus olhos, de dentro das dobras do tecido que os cobria, à ponta do dedo do pé de Yudhishtira, quando o príncipe, com corpo inclinado para frente, estava prestes a cair aos pés dela. Nisto, o rei, cujas unhas eram antes disso todas muito belas, veio a ter uma unha ferida em seu dedo do pé. Vendo isso, Arjuna se moveu para a retaguarda de Vasudeva, e os outros filhos de Pandu ficaram inquietos e se moveram de um lugar para outro. Gandhari então, tendo rejeitado sua ira, confortou os Pandavas como uma mãe deveria. Obtendo sua permissão, aqueles heróis de peitos largos então procederam juntos para se apresentarem para sua mãe, aquela mãe de heróis. Vendo seus filhos depois de muito tempo, Kunti, que tinha estado cheia de ansiedade por causa deles, cobriu seu rosto com sua roupa e começou a chorar.

Tendo chorado por algum tempo com seus filhos, Pritha contemplou os ferimentos e cicatrizes de muitas armas em seus corpos. Ela então abraçou e afagou repetidamente cada um de seus filhos, e afligida pela tristeza ela chorou com Draupadi, que tinha perdido todos os seus filhos e a quem ela viu jazendo na terra nua, entregue a lamentações comoventes.

Draupadi disse, 'Ó dama venerável, onde todos os teus netos, com Abhimanyu entre eles, foram? Vendo-te em tal angústia, por que eles estão demorando em fazer seu aparecimento diante de ti? Privada como eu estou de meus filhos, que necessidade eu tenho do reino?' Erguendo a princesa de Pancala tomada pela tristeza que estava lamentando dessa maneira, Pritha começou a consolar aquela senhora de olhos grandes. Então Kunti, acompanhada pela princesa de Pancala e seguida por seus filhos, procedeu em direção à aflita Gandhari, ela mesma em aflição maior ainda. Vendo aquela senhora ilustre com sua nora, Gandhari dirigiu-se a ela, dizendo, 'Ó filha, não sofra assim. Veja, eu também estou tão tomada pela dor quanto tu. Eu acho que esta destruição geral foi ocasionada pelo irresistível curso do Tempo. Inevitável como era, esta matança terrível não foi devido à agência voluntária de seres humanos. Tudo ocorreu assim como Vidura de grande sabedoria predisse depois que a súplica de Krishna pela paz tinha fracassado. Não sofra, portanto, por uma causa que era inevitável, especialmente depois de sua ocorrência. Tendo morrido em batalha, não se deve se angustiar por eles. Eu estou na mesma situação difícil contigo. (Se tu agires de tal modo) quem então nos consolará? Por minha culpa, esta principal das famílias foi destruída.'

Aqui termina o Jalapradanika-parva no Stri-parva.

16

(Stri-vilapa-parva)

Vaisampayana disse, "Tendo dito estas palavras, Gandhari, embora estando naquele local que era distante do campo de batalha, contemplou, com sua visão espiritual, a matança dos Kurus. Dedicada a seu marido, aquela altamente abençoada senhora sempre tinha praticado votos superiores. Passando pelas mais severas das penitências, ela era sempre sincera em suas palavras. Pelo presente da bênção pelo grande rishi Vyasa de feitos santificados, ela se tornou possuidora de conhecimento e poder espirituais. Comoventes eram as lamentações nas quais aquela dama então se abandonou. Dotada de grande inteligência, a dama Kuru viu, de uma distância, mas como se estivesse em um ponto próximo, aquele campo de batalha, terrível de se contemplar e cheio de visões extraordinárias, daqueles principais dos combatentes. Totalmente coberto com ossos e cabelos, e com rios de sangue, aquele campo estava coberto com milhares sobre milhares de corpos mortos por todos os lados. Coberto com o sangue de elefantes e cavalos e guerreiros em carros e combatentes de outros tipos, ele abundava com corpos sem cabeças e cabeças sem corpos. E ele

ressoava com os gritos de elefantes e corcéis e homens e mulheres e abundava com chacais e grouns e corvos e kankas e gralhas. E ele era a área de diversão de rakshasas que subsistiam de carne humana. E ele enxameava com águias pescadoras e urubus e ressoava com os uivos inauspiciosos de chacais. Então o rei Dhritarashtra, por ordem de Vyasa, e todos os filhos de Pandu com Yudhishtira encabeçando-os, com Vasudeva e todas as senhoras Kuru, procederam ao campo de batalha. Aquelas senhoras, privadas de seus maridos, tendo alcançado Kurukshetra, viram seus irmãos e filhos e pais e maridos jazendo mortos no chão, e sendo devorados por animais predadores e lobos e corvos e fantasmas e pishacas e rakshasas e diversos outros seres noturnos. Contemplando aquela carnificina que parecia as visões da área esportiva de Rudra, as damas proferiram gritos altos e desceram rapidamente de seus veículos suntuosos. Testemunhando visões como as quais elas nunca antes tinham testemunhado, as senhoras Bharata sentiram seus membros carentes de forças e caíram ao chão. Outras ficaram tão perplexas que perderam todos os seus sentidos. De fato, as senhoras Pancala e Kuru estavam mergulhadas em uma angústia inexprimível. Contemplando aquele terrível campo de batalha retumbando em todas as direções com os gritos daquelas damas enlutadas, a filha de Subala, familiarizada com todos os deveres, se dirigiu a Keshava de olhos de lótus, aquele principal de todos os homens. Testemunhando aquela matança geral dos Kurus e cheia de dor à visão, ela disse estas palavras: 'Veja, ó Madhava de olhos de lótus, estas minhas noras! Privadas de seus maridos, elas estão proferindo, com cabelos despenteados, gritos comoventes de dor como um bando de águias pescadoras. Encontrando aqueles corpos mortos, elas estão relembando os grandes chefes Bharata. Elas estão correndo para cá e para lá em grandes bandos em direção a seus filhos e irmãos e pais e maridos. Veja, ó poderosamente armado, o campo está coberto com mães de heróis, todas as quais, no entanto, também foram privadas de filhos. Lá, aquelas partes também estão cobertas com cônjuges de heróis, que foram, no entanto, privadas de seus cônjuges! Veja, o campo de batalha está adornado com aqueles tigres entre homens, Bhishma e Karna e Abhimanyu e Drona e Drupada e Shalya, como com fogos ardentes. Veja, ele está adornado também com as cotas de malha douradas, e com as pedras preciosas valiosas de guerreiros de grande alma, e com seus angadas, e keyuras e guirlandas. Veja, ele está coberto com dardos e maçãs com pontas de ferro arremessadas por mãos heróicas, e espadas e diversas espécies de flechas afiadas e arcos. Animais predadores, reunidos, estão em pé ou deitados ou se divertindo como lhes convém! Veja, ó herói poderoso, este campo de batalha. Por esta visão, ó Janardana, eu estou queimando de tristeza. Na destruição dos Pancalas e dos Kurus, ó matador de Madhu, eu penso, os cinco elementos (dos quais tudo é feito) foram todos destruídos. Urubus ferozes e outras aves, às milhares, estão arrastando aqueles corpos tingidos de sangue, e agarrando-os por suas armaduras, os estão devorando. Quem poderia pensar na morte de tais heróis como Jayadratha e Karna e Drona e Bhishma e Abhimanyu? Ai, embora incapazes de serem mortos, eles ainda assim foram mortos, ó destruidor de Madhu! Veja, urubus e kankas e corvos e falcões e cachorros e chacais são se banquetando deles. Lá, aqueles tigres entre homens, que lutaram ao lado de Duryodhana, e tomaram o campo em cólera, estão agora

jazendo como fogos extintos. Todos eles eram dignos de adormecer sobre camas macias e limpas. Mas, ai, mergulhados em desgraça, eles estão dormindo hoje na terra nua. Bardos recitando seus louvores costumavam alegrá-los antes nas horas apropriadas. Mas eles estão agora escutando os gritos ferozes e inauspiciosos de chacais. Aqueles heróis ilustres que costumavam antigamente dormir em camas caras com seus membros cobertos com pasta de sândalo e aloés em pó, ai, agora dormem na poeira! Estes urubus e lobos e corvos agora se tornaram seus ornamentos. Repetidamente proferindo gritos inauspiciosos e ferozes essas criaturas são agora arrastando seus corpos. Deleitando-se em batalha, aqueles heróis, parecendo alegres, tem ainda junto deles suas flechas afiadas, espadas bem temperadas, e maçãs brilhantes, como se a vida ainda não os tivesse deixado. Muitos heróis principais, possuidores de beleza e cores formosas e adornados com guirlandas de ouro, estão dormindo no chão. Veja, bestas predadoras os estão rasgando e arrastando. Outros, com braços massivos, estão dormindo com maçãs em seus abraços, como se elas fossem esposas queridas. Outros, ainda cobertos com armaduras, estão segurando em suas mãos suas armas brilhantes. Os animais predadores não os estão mutilando, ó Janardana, considerando-os como ainda vivos. As belas guirlandas de ouro puro nos pescoços de outros heróis ilustres, enquanto os últimos estão sendo arrastados por criaturas carnívoras, estão espalhadas por todos os lados. Lá, aqueles lobos ferozes, aos milhares, estão arrancando as correntes douradas ao redor dos pescoços de muitos heróis ilustres silenciados pela morte. Muitos, a quem bardos hábeis em seu trabalho antigamente costumavam, com seus hinos e elogios de grande importância, alegrar todas as manhãs, estão agora cercados por formosas damas tomadas pela tristeza e gritando e chorando de angústia ao redor deles, ó tigre da raça Vrishni! Os rostos daquelas senhoras belas, ó Keshava, embora pálidos, ainda parecem resplandecentes, como um grupo de lotos vermelhos! Aquelas senhoras Kuru pararam de chorar, com suas respectivas seguidoras e companheiras. Elas estão todas cheias de ansiedade. Dominadas pela tristeza, elas estão correndo para lá e para cá. Os rostos daquelas formosas, com o pranto e a raiva, se tornaram fulgurantes como o sol da manhã ou ouro ou cobre polido. Ouvindo as lamentações umas das outras de sentido incompleto, aquelas damas, por causa dos lamentos altos de dor irrompendo de todos os lados, são incapazes de captar o que as outras querem dizer. Algumas entre elas, suspirando pesadamente e lamentando repetidamente, estão entorpecidas pela dor e estão abandonando seus ares vitais. Muitas delas, vendo os corpos (de seus filhos, maridos, ou pais), estão chorando e proferindo lamentos altos. Outras estão batendo em suas cabeças com suas próprias mãos macias. A terra, coberta com cabeças cortadas e mãos e outros membros misturados e reunidos em grandes pilhas, parece resplendente com estes sinais de destruição! Vendo muitos troncos sem cabeças de grande beleza, e muitas cabeças sem troncos, aquelas formosas estão jazendo sem sentidos no chão por um longo tempo. Unindo cabeças específicas com troncos específicos, aquelas senhoras, insensíveis pela dor, estão descobrindo seus erros e dizendo, 'Esta não é deste' e estão chorando mais amargamente! Outras, unindo braços e pernas e pés, cortados com flechas, estão cedendo à dor e perdendo seus sentidos repetidamente (à visão das formas restauradas). Algumas entre as damas Bharata, vendo os corpos de seus maridos,

corpos que foram mutilados por animais e aves e separados de suas cabeças, não estão conseguindo reconhecê-los. Outras, contemplando seus irmãos, pais, filhos, e maridos mortos pelos inimigos, estão, ó destruidor de Madhu, golpeando suas cabeças com suas próprias mãos. Lamacentas com carne e sangue, a Terra ficou intransitável com braços ainda segurando espadas, e com cabeças adornadas com brincos. Contemplando o campo coberto com seus pais e irmãos, e filhos, aquelas damas impecáveis, que nunca antes tinham sofrido a menor angústia, estão agora mergulhadas em uma dor indizível. Veja, ó Janardana, aqueles grupos numerosos das noras de Dhritarashtra, parecendo multidões sucessivas de potranças belas adornadas com crinas excelentes! Qual espetáculo, ó Keshava, pode ser mais triste para eu contemplar do que o apresentado por estas senhoras de aparência formosa que assumiram tal aspecto? Sem dúvida, eu devo ter cometido grandes pecados em minhas vidas anteriores já que eu estou vendo, ó Keshava, meus filhos e netos e irmãos todos mortos pelos inimigos.' Enquanto lamentava de dor dessa maneira, os olhos de Gandhari caíram sobre seu filho (Duryodhana)."

17

Vaisampayana disse, "Vendo Duryodhana, Gandhari, privada de seus sentidos pela dor, caiu no chão de repente como uma bananeira arrancada. Tendo recuperado seus sentidos logo, ela começou a chorar, repetidamente proferindo lamentos altos à visão de seu filho jazendo na terra nua, coberto com sangue. Abraçando seu filho, Gandhari se abandonou em lamentações comoventes por ele. Tomada pela dor, e com sentidos extremamente agitados, a rainha Kuru exclamou, 'Ai, ó filho! Ai, ó filho!' Queimando de tristeza, a rainha encharcou com suas lágrimas o corpo de seu filho, possuidor de ombros largos e massivos, e adornado com guirlandas e correntes. Endereçando-se a Hrishikesa que estava perto, ela disse, 'Na véspera dessa batalha, ó poderoso, que exterminou esta classe, este principal dos reis, ó tu da linhagem de Vrishni, disse a mim, 'Nesta batalha destrutiva (para ambos os lados), ó mãe, me deseje vitória!' Quando ele tinha dito estas palavras, eu mesma, sabendo que uma grande calamidade tinha vindo sobre nós, disse isso a ele, tigre entre homens, 'A vitória está onde a justiça está. E já que, filho, teu coração está fixo na batalha, tu irás, sem dúvida, alcançar aquelas regiões que são alcançáveis (pelo uso de) armas e (te divertirás lá) como um celestial.' Foram estas mesmas as palavras que eu então disse a ele. Eu então não me afligi por meu filho. Eu sofro, no entanto, pelo desamparado Dhritarashtra privado de amigos e parentes. Veja, ó Madhava, meu filho, este principal dos guerreiros, colérico, hábil em armas, e irresistível em batalha, dormindo sobre o leito de heróis. Veja os reversos ocasionados pelo Tempo. Este destruidor de inimigos que costumava antigamente andar na liderança de todas as pessoas coroadas agora dorme na poeira. Sem dúvida, o heróico Duryodhana, quando ele dorme neste leito o qual é o do herói, obteve o fim mais inalcançável. Chacais inauspiciosos estão agora alegrando aquele príncipe adormecido no leito do herói, que era antigamente alegrado pelas damas mais formosas sentadas em volta dele. Ele, que era antigamente cercado por reis que competiam entre si para

alegrá-lo, ai, ele, morto e jazendo no chão, está agora cercado por urubus! Ele que era antigamente abanado com leques belos por damas formosas é agora abanado por aves (carnívoras) com o bater de suas asas! Possuidor de grande força e coragem verdadeira, este príncipe de braços poderosos, morto por Bhimasena em batalha, jaz como um elefante morto por um leão! Contemple Duryodhana, ó Krishna, jazendo na terra nua, coberto com sangue, morto por Bhimasena com sua maça. Este poderosamente armado que tinha reunido em batalha onze akshauhinis de tropas, ó Keshava, por consequência de sua própria má política, está morto agora. Ai, aqui jaz este grande arqueiro e poderoso guerreiro em carro, morto por Bhimasena, como um tigre morto por um leão! Tendo desconsiderado Vidura, como também seu próprio pai, este príncipe imprudente, tolo, e mau sucumbiu à morte, por seu desrespeito pelos idosos. Ele que tinha governado a terra, sem um rival, por treze anos, ai, esse príncipe, esse meu filho, jaz hoje sobre a terra nua, morto por seus inimigos. Não muito antes, ó Krishna, eu vi a Terra, cheia de elefantes e vacas e cavalos, governada por Duryodhana! Hoje, ó tu de braços poderosos, eu vejo ela governada por outro, e desprovida de elefantes e vacas e cavalos! Que necessidade eu tenho, ó Madhava, da vida? Veja, além disso, esta visão que é mais dolorosa do que a morte de meu filho, a visão destas senhoras formosas chorando ao lado dos heróis mortos! Veja, ó Krishna, a mãe de Lakshmana, aquela dama de quadris largos, com suas tranças despenteadas, aquela cônjuge querida de Duryodhana, parecendo um altar sacrificial de ouro. Sem dúvida, esta donzela de grande inteligência, enquanto seu poderoso marido estava vivo, costumava se divertir dentro do abraço de seu marido de belos braços! Por que, de fato, este meu coração não se parte em cem fragmentos à visão de meu filho e neto mortos em batalha? Ai, aquela dama impecável agora cheira (a cabeça de) seu filho coberta com sangue. Agora, outra vez, aquela senhora de coxas formosas está friccionando suavemente o corpo de Duryodhana com sua mão suave. Num momento ela está entristecida por seu marido e em outro por seu filho. Em um momento ela olha para seu marido, em outro para seu filho. Veja, ó Madhava, golpeando sua cabeça com suas mãos, ela cai sobre o peito de seu cônjuge heróico, o rei dos Kurus. Possuidora de cor como aquela dos filamentos do lótus, ela ainda parece bela como um lótus. A princesa infeliz ora limpa o rosto de seu filho e ora aquele de seu marido. Se as escrituras e os srutis são verdadeiros, sem dúvida, este rei obteve aquelas regiões (de bem aventurança) que alguém pode ganhar pelo uso de armas!”

18

"Gandhari disse, 'Veja, ó Madhava, minha centena de filhos, incapazes de se cansarem (do esforço em batalha), foram todos mortos por Bhimasena com sua maça em combate! O que mais me aflige hoje é que estas minhas noras, jovens, privadas de seus filhos e com cabelos despenteados, estão vagando hoje no campo. Ai, elas que antigamente andavam somente nos terraços de mansões agradáveis com pés enfeitados com muitos ornamentos, são agora, em grande aflição de coração, obrigadas a tocar com aqueles seus pés este solo duro, lodoso

com sangue! Cambaleando em tristeza, elas estão vagando como pessoas embriagadas, afastando urubus e chacais e corvos com dificuldade. Veja, aquela dama de membros impecáveis e cintura fina, vendo esta carnificina terrível, caiu, dominada pela dor. Vendo esta princesa, a mãe de Lakshmana, ó tu de braços poderosos, meu coração está dilacerado pela dor. Estas senhoras belas de braços formosos, algumas vendo seus irmãos, algumas seus maridos, e algumas seus filhos jazendo mortos na terra nua, elas mesmas estão caindo, agarrando os braços dos mortos. Escute, ó invencível, o lamento alto daquelas senhoras idosas e das outras de meia-idade ao verem esta carnificina terrível. Se apoiando contra caixas de carros quebrados e corpos de elefantes e corcéis mortos, veja, ó tu de grande poder, aquelas senhoras, desgastadas com fadiga, estão descansando. Veja, ó Krishna, algumas entre elas, erguendo a cabeça cortada de algum parente ornada com belo nariz e brincos, estão em pé em angústia. Eu penso, ó impecável, que elas e eu mesma de pouca compreensão devemos ter cometido grandes pecados em nossas vidas passadas, já que, ó Janardana, todos os nossos parentes e amigos foram mortos dessa forma pelo rei Yudhishtira, o justo! Nossas ações, justas ou injustas, não podem ser inúteis, ó tu da tribo de Vrishni! Veja, ó Madhava, aquelas jovens senhoras de belos peitos e abdomens, bem nascidas, possuidoras de modéstia, tendo cílios negros e tranças da mesma cor em suas cabeças, de vozes suaves e estimadas como aquela de cisnes, estão caindo, privadas de seus sentidos em grande dor e proferindo gritos lastimáveis como bandos de grouns. Veja, ó herói de olhos de lótus, seus rostos belos parecendo lotos totalmente desabrochados estão chamuscados pelo sol. Ai, ó Vasudeva, as esposas de meus filhos orgulhosos possuidores de bravura como aquela de elefantes enfurecidos, estão agora expostas ao olhar das pessoas comuns. Veja, ó Govinda, os escudos decorados com cem luas, os estandartes de refulgência solar, as cotas de malha douradas, e as correntes e couraças feitas de ouro, e os ornatos para a cabeça de meus filhos, espalhados no chão, estão reluzindo com brilho como fogos sacrificais sobre os quais foram despejadas libações de manteiga clarificada. Lá jaz Duhshasana, derrubado por Bhima, o sangue de todos os seus membros bebido por aquele matador heróico de inimigos. Veja este meu outro filho, ó Madhava, morto por Bhima com sua maça, impelido por Draupadi e pela recordação de suas angústias na hora da partida de dados. Dirigindo-se à princesa de Pancala ganha nos dados no meio da assembléia, este Duhshasana, desejoso de fazer o que era agradável para seu irmão (mais velho) como também para Karna, ó Janardana, tinha dito, 'Tu és agora a mulher de um escravo! Com Sahadeva e Nakula e Arjuna, ó senhora, entre na nossa casa agora!' Naquela ocasião, ó Krishna, eu disse ao rei Duryodhana, 'Ó filho, afaste (do teu lado) o colérico Shakuni. Saiba que teu tio materno é de alma muito pecaminosa e gosta muito de disputa. Rejeitando-o sem demora, faça as pazes com os Pandavas, ó filho! Ó tu de pouca inteligência, tu não pensas em Bhimasena cheio de ira? Tu estás perfurando-o com tuas flechas verbais como uma pessoa golpeando um elefante com tições queimando.' Ai, desconsiderando minhas palavras, ele vomitou seu veneno verbal neles, como uma cobra vomitando seu veneno em um touro, neles que já tinham sido perfurados com seus dardos verbais. Lá jaz aquele Duhshasana, esticando seus dois braços massivos, morto por Bhimasena como um elefante poderoso por um

leão. O muito colérico Bhimasena cometeu o ato mais horrível ao beber em batalha o sangue de seu inimigo!”

19

"Gandhari disse, 'Lá, ó Madhava, meu filho Vikarna, elogiado pelos sábios, jaz na terra nua, morto por Bhima e horrivelmente mutilado! Sem vida, ó matador de Madhu, Vikarna jaz no meio de elefantes (mortos) como a lua no céu outonal circundada por nuvens azuis. Sua palma larga, envolvida em proteção de couro, e com cicatrizes pelo constante manejo do arco, é perfurada com dificuldade por urubus desejosos de se alimentarem dela. Sua jovem mulher desamparada, ó Madhava, está se esforçando constantemente, sem sucesso, para espantar aqueles urubus desejosos de se alimentarem da carniça. O jovem e valente e belo Vikarna, ó touro entre homens, criado no luxo e merecedor de todas as espécies de riquezas, agora jaz em meio ao pó, ó Madhava! Embora as partes vitais dele tenham sido perfuradas por setas de uma jarda e flechas farpadas e nalikas, ainda assim aquela sua beleza pessoal não abandonou este melhor dos Bharatas. Lá, meu filho Durmukha, aquele matador de um grande grupo de inimigos, jaz, com rosto na direção do inimigo, morto pelo heróico Bhimasena no cumprimento de seu voto. Seu rosto, ó Krishna, meio comido pelas bestas predadoras, parece mais bonito, ó filho, assim como a lua no sétimo dia da quinzena iluminada. Contemple, ó Krishna, o rosto daquele meu filho heróico, que está assim. Como pode este meu filho ser morto por inimigos e feito comer o pó dessa maneira? Ó amável, como pode aquele Durmukha, diante de quem nenhum inimigo podia resistir, ser morto por inimigos, ó subjugador de regiões celestes? Veja, ó matador de Madhu, aquele outro filho de Dhritarashtra, Citrasena, morto e jazendo na terra, aquele herói que era o modelo de todos os arqueiros! Aquelas jovens senhoras, afligidas pela dor e proferindo gritos lastimáveis, estão agora sentadas, com os animais predadores, ao redor da forma agradável dele adornada com coroas e guirlandas. Este alto lamento de dor, proferido pelas mulheres, e estes gritos e rugidos dos animais predadores, parecem muito extraordinários para mim, ó Krishna! Jovem e bonito, e sempre visitado e servido pelas senhoras mais belas, meu filho Vivinsati, ó Madhava, está lá, manchado com poeira. Sua armadura foi perfurada com setas. Morto no meio da carnificina, ai, o heróico Vivimshati é agora cercado e visitado por urubus! Tendo em batalha penetrado nas tropas do exército Pandava, aquele herói agora jaz no leito de um herói, no leito de um Kshatriya exaltado! Veja, ó Krishna, seu rosto muito belo, com um sorriso brincando sobre ele, adornado com um nariz excelente e sobrancelhas formosas, e parecendo a própria Lua resplandecente! Antigamente um grande número das damas mais belas costumava servi-lo, como milhares de moças celestes a um gandharva esportivo. Quem também poderia resistir ao meu filho Duhsaha, aquele matador de inimigos heróicos, aquele herói, aquele ornamento de assembléias, aquele guerreiro irresistível, aquele que resistia a inimigos? O corpo de Duhsaha, coberto com setas, parece resplandecente como uma montanha coberta com karnikaras

florescentes. Com sua guirlanda de ouro e sua armadura brilhante, Duhsaha, embora sem vida, ainda parece radiante, como uma montanha branca de fogo!”

20

"Gandhari disse, 'Aquele cujo poder e coragem eram considerados, ó Keshava, como uma vez e meia superiores àqueles de seu pai e teus, ele que parecia um leão feroz e orgulhoso, ele que, sem um seguidor, penetrou sozinho nas tropas impenetráveis de meu filho, ele que provou ser a morte de muitos, ai, ele agora jaz lá, tendo ele mesmo sucumbido à morte! Eu vejo, ó Krishna, que o esplendor daquele filho de Arjuna, daquele herói de energia incomensurável, Abhimanyu, não foi ofuscado nem mesmo na morte. Lá, a filha de Virata, a nora do manejador do Gandiva, aquela moça de beleza impecável dominada pela dor à visão de seu marido heróico, está se entregando a lamentações! Aquela mulher jovem, a filha de Virata, se aproximando de seu marido, está esfregando-o suavemente, ó Krishna, com sua mão. Antigamente, aquela moça altamente inteligente e extremamente bela, embriagada com vinhos adocicados, costumava abraçar seu marido timidamente, e beijar o rosto do filho de Subhadra, aquele rosto que parecia com um lótus totalmente desabrochado e que estava apoiado em um pescoço adornado com três linhas como aquelas de uma concha. Tirando a cota de malha dourada de seu marido, ó herói, aquela donzela está fitando agora o corpo tingido de sangue de seu cônjuge. Contemplando seu marido, ó Krishna, aquela moça se dirige a ti e diz, 'Ó de olhos de lótus, este herói cujos olhos pareciam os teus, foi morto. Em força e energia, e coragem também, ele era teu igual, ó impecável! Ele parecia muitíssimo contigo em beleza. Agora ele jaz no chão, morto pelo inimigo!' Dirigindo-se a seu próprio marido, a donzela também diz, 'Tu foste criado em todo o luxo. Tu costumavas dormir sobre peles macias de veados ranku. Ai, teu corpo não sente dor hoje por deitar assim na terra nua? Esticando teus braços massivos adornados com angadas dourados, parecendo um par de trombas de elefantes e cobertos com pele endurecida pelo uso frequente do arco, tu dormes, ó marido, em paz, como se estivesses exausto pelo exercício demasiado no ginásio de esportes. Ai, por que tu não te diriges a mim que estou chorando dessa maneira? Eu não me lembro de ter te ofendido alguma vez. Por que tu não falas comigo então? Antigamente tu costumavas te dirigir a mim mesmo quando tu me vias à distância. Ó senhor venerável, para onde tu vais, deixando para trás a muito respeitada Subhadra, estes teus superiores que parecem os próprios celestiais, e minha própria pessoa desventurada perturbada pela dor?' Veja, ó Krishna, apanhando com as mãos os cabelos tingidos de sangue de seu marido, e colocando a cabeça dele em seu colo, a bela donzela está falando com ele como se ele estivesse vivo, 'Como puderam aqueles grandes guerreiros em carros te matar no meio da batalha, tu que és o filho da irmã de Vasudeva e do manejador de Gandiva? Ai, que vergonha para aqueles guerreiros de ações pecaminosas, Kripa e Karna e Jayadratha e Drona e o filho de Drona, por quem tu foste privado de vida. Qual era o estado de espírito daqueles grandes guerreiros em carros naquela hora quando eles cercaram a ti, um jovem guerreiro,

e te mataram para minha dor? Como tu pudeste, ó herói, tu que tinhas tantos protetores, ser morto tão sem auxílio na própria vista dos Pandavas e dos Pancalas? Vendo-te, ó herói, morto em batalha por muitas pessoas reunidas, como é que aquele tigre entre homens, aquele filho de Pandu, teu pai, é capaz de suportar a carga da vida? Nem a aquisição de um vasto reino nem a derrota de seus inimigos conduz à alegria dos Parthas sem ti, ó tu de olhos de lótus! Pela prática de virtude e autodomínio, eu logo irei para aquelas regiões de felicidade que tu adquiriste pelo uso de armas. Proteja-me, ó herói, quando eu for para aquelas regiões. Quando a hora de uma pessoa ainda não chegou ela não pode morrer, já que, infeliz como eu sou, eu ainda respiro depois de te ver morto em batalha. Tendo ido para a região dos pitris, a quem mais, como eu, tu te diriges agora, ó tigre entre homens, em palavras doces misturadas com sorrisos? Sem dúvida, tu deves agitar os corações das Apsaras no céu, com tua grande beleza e tuas palavras gentis misturadas com sorrisos! Tendo obtido as regiões reservadas para pessoas de atos justos, tu estás agora unido, ó filho de Subhadra, com as Apsaras! Enquanto te divertires com elas, lembre às vezes das minhas boas ações para contigo. Tua união comigo neste mundo tinha, parece, sido ordenada por somente seis meses, pois no sétimo, ó herói, tu foste privado de vida! Ó Krishna, as damas da casa real de Matsya estão arrastando para longe a aflita Uttara, frustrada em todos os seus propósitos, enquanto lamentando dessa maneira. Aquelas senhoras, arrastando para longe a aflita Uttara, elas mesmas ainda mais aflitas do que aquela moça, estão chorando e proferindo lamentos altos à visão do morto Virata. Mutilado com as armas e flechas de Drona, prostrado sobre o solo e coberto de sangue, Virata está cercado por urubus gritando e chacais uivando e corvos crocitando. Aquelas senhoras de olhos negros, se aproximando da forma prostrada do rei Matsya sobre o qual aves carnívoras estão proferindo gritos de alegria, estão se esforçando para virar o corpo. Enfraquecidas pela dor e extremamente angustiadas, elas não conseguem fazer o que pretendem. Chamuscadas pelo Sol, e desgastadas com o esforço, seus rostos se tornaram pálidos e sem cor. Veja também, ó Madhava, aqueles outros meninos além de Abhimanyu, Uttara, Sudakshina, o príncipe dos Kambhojas, e o belo Lakshmana, todos jazendo no campo de batalha!"

21

"Gandhari disse, 'Então o poderoso Karna, aquele grande arqueiro, jaz sobre o solo! Em batalha ele era como um fogo ardente! Aquele fogo, no entanto, agora foi extinto pela energia de Partha. Veja, Karna, o filho de Vikartana, depois de ter matado muitos atirathas, foi prostrado na terra nua, e está encharcado com sangue. Colérico e possuidor de grande energia, ele era um grande arqueiro e um poderoso guerreiro em carro. Morto em batalha pelo manejador do Gandiva, aquele herói agora jaz no chão. Meus filhos, aqueles poderosos guerreiros em carros, por medo dos Pandavas, lutaram colocando Karna em sua dianteira, como uma manada de elefantes com seu líder na frente. Ai, como um tigre morto por um leão, ou um elefante por um elefante enfurecido, aquele guerreiro foi morto em

batalha por Savyasaci. Juntas, ó tigre entre homens, as esposas daquele guerreiro, com tranças despenteadas e dando lamentos altos de dor, estão sentadas em volta daquele herói morto! Cheio de ansiedade causada por pensamentos sobre aquele guerreiro, o rei Yudhishtira, o justo, por treze anos, não conseguiu dormir! Incapaz de ser detido por inimigos em batalha, como o próprio Maghavat que é invencível por inimigos, Karna era como o fogo todo destrutivo de chamas violentas no fim do yuga, e inalterável como o próprio Himavat! Aquele herói se tornou o protetor do filho de Dhritarashtra, ó Madhava! Ai, sem vida, ele agora jaz sobre a terra nua, como uma árvore prostrada pelo vento! Veja, a esposa de Karna e mãe de Vrishasena está lamentando e gritando e chorando e caindo sobre o solo! Agora mesmo ela exclama, 'Sem dúvida, a maldição do teu preceptor te perseguiu! Quando a roda do teu carro foi engolida pela Terra, o cruel Dhananjaya cortou tua cabeça com uma seta! Ai, que vergonha (para o heroísmo e a habilidade)! Aquela senhora, a mãe de Sushena, extremamente aflita e proferindo gritos de angústia, está caindo, sem sentidos, ao ver o bravo Karna de braços fortes prostrado no chão, com sua cintura ainda cercada com um cinto de ouro. Criaturas carnívoras, se alimentando do corpo daquele herói ilustre, o reduziram a dimensões muito pequenas. A visão não é alegre, como aquela da lua na décima quarta noite da quinzena escura. Caindo ao chão, a dama triste está levantando novamente. Queimando de dor por causa da morte de seu filho também, ela se aproxima e cheira o rosto de seu marido!'"

22

"Gandhari disse, 'Morto por Bhimasena, veja, o senhor de Avanti se encontra lá! Urubus e chacais e corvos estão se alimentando daquele herói! Embora possuidor de muitos amigos, ele jaz agora totalmente desamparado! Veja, ó matador de Madhu, tendo feito uma grande matança de inimigos, aquele guerreiro está agora deitado no leito de um herói, coberto com sangue. Chacais, e kankas, e outras criaturas carnívoras de diversas espécies o estão arrastando agora. Veja os reversos ocasionados pelo Tempo. Suas esposas, reunidas, chorando, estão sentadas ao redor daquele herói que em vida era um terrível matador de inimigos, mas que agora jaz no leito de um herói. Veja, Bahlika, o filho de Pratipa, aquele arqueiro poderoso possuidor de grande energia, morto com uma flecha de cabeça larga, está agora jazendo no chão como um tigre adormecido. Embora sem vida, a cor de seu rosto ainda é extremamente brilhante, como aquela da lua cheia, surgida no décimo quinto dia da quinzena iluminada! Queimando de dor por causa da morte de seu filho, e desejoso de cumprir sua promessa, o filho de Indra (Arjuna) matou lá aquele filho de Vriddhakshatra! Veja Jayadratha, que era protegido pelo ilustre Drona, morto por Partha que estava empenhado em cumprir seu voto, depois de penetrar através de onze Akshauhini de tropas. Urubus inauspiciosos, ó Janardana, estão se alimentando de Jayadratha, o senhor dos Sindhu-Sauviras, cheio de orgulho e energia! Embora suas dedicadas esposas procurem protegê-lo, veja, ó Acyuta, que as criaturas carnívoras estão arrastando o corpo dele para uma selva na vizinhança. As esposas Kamboja e Yavana

daquele senhor poderosamente armado dos Sindhus e dos Sauviras estão cuidando de protegê-lo (das bestas selvagens). Naquela vez, ó Janardana, quando Jayadratha, ajudado pelos Kekayas, se esforçou para raptar Draupadi, ele mereceu ser morto pelos Pandavas! Por respeito, no entanto, por Duhshala, eles o libertaram naquela ocasião. Por que, ó Krishna, eles não mostraram algum respeito por Duhshala mais uma vez? Aquela minha filha jovem está agora chorando de dor. Ela está batendo em seu corpo com suas próprias mãos e criticando os Pandavas. O que, ó Krishna, pode ser mais doloroso para mim do que aquela minha jovem filha ficar viúva e todas as minhas noras ficarem sem marido? Ai, ai, veja, minha filha Duhshala, rejeitando sua dor e medo, está correndo para lá e para cá à procura da cabeça de seu marido. Ele que tinha detido todos os Pandavas desejosos de resgatar seu filho, depois de causar a morte de uma tropa vasta, ao final sucumbiu à morte. Ai, aquelas esposas dele, com rostos tão belos quanto a lua, estão chorando, sentadas em volta daquele herói irresistível que parecia um elefante enfurecido!”

23

"Gandhari disse, 'Lá jaz Shalya, o próprio tio materno de Nakula, morto em batalha, ó senhor, pelo pio e virtuoso Yudhishtira! Ele costumava se gabar em todos os lugares, ó touro entre homens, de sua igualdade contigo! Aquele poderoso guerreiro em carro, o soberano dos Madras, agora jaz sem vida. Quando ele aceitou a condução do carro de Karna em batalha, ele procurou refrear a energia de Karna para dar a vitória aos filhos de Pandu! Ai, ai, veja o rosto liso de Shalya, belo como a lua, e adornado com olhos parecendo as pétalas do lótus, comido por corvos! Lá, a língua daquele rei, da cor do ouro aquecido, rolando para fora de sua boca, está, ó Krishna, sendo comida por aves carnívoras! As senhoras da casa real de Madra, proferindo lamentos de dor, estão sentadas ao redor do corpo daquele rei, aquele ornamento de assembléias, privado de vida por Yudhishtira! Aquelas senhoras estão sentadas em volta daquele herói morto como uma manada de elefantas no cio em volta de seu líder caído em um pântano. Veja o bravo Shalya, aquele concessor de proteção, aquele principal dos guerreiros em carros, esticado no leito de heróis, com seu corpo mutilado por setas. Lá, o rei Bhagadatta de grande destreza, o soberano de um reino montanhoso, o principal de todos os manejadores de laços de elefante, jaz no chão, carente de vida. Veja a guirlanda de ouro que ele ainda usa em sua cabeça, parece resplandecente. Embora seu corpo esteja sendo comido por animais predadores, aquela guirlanda ainda adorna os formosos cabelos em sua cabeça. Foi violento o combate que ocorreu entre este rei e Partha, de arrepiar os cabelos, como aquele entre Sakra e o Asura Vritra. Este poderosamente armado, tendo lutado com Dhananjaya, o filho de Pritha, e tendo-o colocado em grandes dificuldades, foi finalmente morto por seu oponente. Aquele que não tinha igual sobre a terra em heroísmo e energia, que realizava façanhas terríveis em batalha, Bhishma, está lá, privado de vida. Contemple o filho de Santanu, ó Krishna, aquele guerreiro de refulgência solar, esticado no chão, como o próprio Sol caído do

firmamento no fim do yuga. Tendo chamuscado seus inimigos com o fogo de suas armas em batalha, aquele guerreiro valente, aquele Sol entre homens, ó Keshava, se pôs como o Sol verdadeiro à noite. Contemple aquele herói, ó Krishna, que em conhecimento do dever era igual ao próprio Devapi, agora jazendo em um leito de flechas, tão digno de heróis. Tendo estendido sua cama excelente de setas farpadas e não farpadas, aquele herói jaz sobre ela como o divino Skanda em uma moita de urzes. De fato, o filho de Ganga jaz, descansando sua cabeça naquele travesseiro excelente, consistindo em três flechas, que se tornaram o complemento do seu leito, dado a ele pelo manejador do Gandiva. Para obedecer à ordem de seu pai, este ilustre reprimiu sua semente vital. Sem igual em batalha, este filho de Santanu aí jaz, ó Madhava! De alma justa e conhecedor de todos os deveres, pela ajuda de seu conhecimento relativo a ambos os mundos, aquele herói, embora mortal, está ainda mantendo sua vida como um imortal. Quando o filho de Santanu jaz hoje derrubado por setas, parece que nenhuma outra pessoa viva sobre a terra possui erudição e destreza e é competente para realizar grandes façanhas em batalha. Verdadeiro em palavras, este herói justo e virtuoso, solicitado pelos Pandavas, lhes disse os meios de sua própria morte. Ai, ele que reviveu a linha de Kuru que tinha se tornado extinta, esta pessoa ilustre possuidora de grande inteligência, deixou o mundo com todos os Kurus em sua companhia. A quem, ó Madhava, os Kurus irão perguntar sobre religião e dever depois que aquele touro entre homens, Devavrata, que parece um deus, for para o céu? Veja Drona, aquele principal dos Brahmanas, o preceptor de Arjuna, de Satyaki, e dos Kurus, jazendo no chão! Dotado de energia imensa, Drona, ó Madhava, era tão familiarizado com as quatro espécies de armas como o chefe dos celestiais ou Sukra da linhagem de Bhrigu. Pela sua graça, Vibhatsu, o filho de Pandu, realizou as façanhas mais difíceis. Sem vida, ele agora jaz no chão. As armas se recusaram a vir (no final) a seu comando. Colocando-o em sua liderança, os Kauravas desafiaram os Pandavas. Aquele principal de todos os manejadores de armas foi finalmente mutilado com armas. Quando ele se movimentava rapidamente em batalha, chamuscando seus inimigos de todas as direções, sua rota parecia aquela de uma conflagração ardente. Ai, carente de vida, ele agora jaz no chão, como um fogo extinto. O cabo do arco ainda está em seu punho. As tiras de couro, ó Madhava, ainda envolvem seus dedos. Embora morto, ele parece como se estivesse vivo. Os quatro Vedas, e todos os tipos de armas, ó Keshava, não abandonaram aquele herói assim como estes não abandonam o próprio Senhor Prajapati. Seus pés auspiciosos, merecedores de toda adoração e adorados de fato por bardos e elogiadores e reverenciado por discípulos, estão sendo agora arrastados por chacais. Privada de sua razão pela dor, Kripi tristemente toma conta, ó matador de Madhu, de Drona que foi morto pelo filho de Drupada. Veja aquela senhora aflita, caída sobre a Terra, com o cabelo despenteado e face para baixo. Ai, ela cuida com tristeza de seu senhor sem vida, aquele principal de todos os manejadores de armas, jazendo na terra. Muitos brahmacaris, com cabelos emaranhados em suas cabeças, estão cuidando do corpo de Drona, que está envolvido em armadura completamente despedaçada, ó Keshava, pelas flechas de Dhrishtadyumna. A ilustre e delicada Kripi, triste e aflita, está se esforçando para realizar os últimos ritos sobre o corpo de seu marido morto em batalha. Lá, aqueles recitadores de Samas, tendo

colocado o corpo de Drona na pira mortuária e tendo acendido o fogo com ritos devidos, estão cantando os três Samas (bem conhecidos). Aqueles brahmacaris, com cabelos emaranhados em suas cabeças, empilharam a pira mortuária daquele brahmana com arcos e dardos e caixas de carros, ó Madhava! Tendo reunido diversos outros tipos de setas, aquele herói de grande energia está sendo consumido por elas. De fato, tendo-o colocado na pira, eles estão cantando e chorando. Outros estão recitando os três (bem conhecidos) Samas que são usados em tais ocasiões. Consumindo Drona naquele fogo, como fogo em fogo, aqueles seus discípulos da classe regenerada estão procedendo em direção às margens do Ganga, pelo lado esquerdo da pira e tendo colocado Kripi em sua dianteira!"

24

"Gandhari disse, 'Veja o filho de Somadatta, que foi morto por Yuyudhana, bicado e rasgado por um grande número de aves! Queimando com aflição pela morte de seu filho, Somadatta, ó Janardana, (enquanto ele jaz lá) parece censurar o grande arqueiro Yuyudhana. Lá a mãe de Bhurishrava, aquela senhora impecável, dominada pela dor, está se dirigindo a seu marido Somadatta, dizendo, 'Por boa sorte, ó rei, tu não viste esta terrível carnificina dos Bharatas, este extermínio dos Kurus, esta visão que parece as cenas que ocorrem no fim do yuga. Por boa sorte, tu não vês teu filho heróico, que portava o desenho da estaca sacrificial em seu estandarte e que realizou numerosos sacrifícios com presentes abundantes para todos, morto sobre o campo de batalha. Por boa sorte, tu não ouves estes gritos de dor proferidos do meio desta carnificina pelas tuas noras, como os gritos de um bando de grou na superfície do mar. Tuas noras, privadas de ambos, maridos e filhos, estão correndo para lá e para cá, cada uma vestida de uma única peça de roupa e todas com suas tranças negras despenteadas. Por boa sorte, tu não vês teu filho, aquele tigre entre homens, privado de um de seus braços, derrubado por Arjuna, e agora sendo devorado por animais predadores. Por boa sorte, tu não vês hoje teu filho morto em batalha, e Bhurishrava privado de vida, e tuas noras enviuvadas mergulhadas em tristeza. Por boa sorte, tu não vês o guarda-sol dourado daquele guerreiro ilustre que tinha a estaca sacrificial como o emblema em seu estandarte, rasgado e quebrado no terraço de seu carro! Lá, as esposas de olhos negros de Bhurishrava estão se abandonando em lamentações comoventes, cercando seu marido morto por Satyaki. Aflitas pela dor por causa da morte de seus maridos, aquelas damas, lamentando copiosamente, estão caindo na terra com seus rostos para o chão, e lentamente se aproximando de ti, ó Keshava! Ai, por que Arjuna de atos imaculados cometeu tal ato censurável, já que ele cortou o braço de um guerreiro desatento que era valente e dedicado à realização de sacrifícios? Ai, Satyaki fez uma ação que foi ainda mais pecaminosa, pois ele tirou a vida de uma pessoa alma controlada enquanto ela estava na observância do voto praya. Ai, ó virtuoso, tu jazes sobre o solo, morto injustamente por dois inimigos.' Assim mesmo, ó Madhava, as esposas de Bhurishrava estão gritando alto em aflição. Lá, as esposas daquele guerreiro,

todas possuidoras de cinturas finas, estão colocando sobre seus colos o braço cortado de seu marido e chorando amargamente!"

'Aqui está este braço que costumava invadir as cintas, oprimir os peitos profundos, e tocar o umbigo, as coxas, e os quadris de mulheres formosas, e soltar as fitas das ceroulas vestidas por elas! Aqui está este braço que matava inimigos e dissipava temores de amigos, que deu milhares de vacas e exterminou Kshatriyas em batalha! Na presença do próprio Vasudeva, Arjuna de feitos puros o cortou enquanto tu, descuidado, estavas envolvido em batalha com outro. O que, de fato, tu, ó Janardana, dirás desta grande façanha de Arjuna quando falares disto no meio de assembléias? O que também o próprio Arjuna enfeitado com diadema dirá disto?' Criticando-te dessa maneira, aquela principal das senhoras parou finalmente. As co-esposas daquela dama estão lamentando lastimavelmente com ela como se ela fosse sua nora!

Lá o poderoso Shakuni, o chefe dos Gandharvas, de destreza incapaz de ser frustrada, foi morto por Sahadeva, o tio materno pelo filho da irmã! Antigamente, ele costumava ser abanado com um par de leques de cabos de ouro! Ai, agora sua forma prostrada está sendo abanada pelas aves com suas asas! Ele costumava assumir centenas e milhares de formas. Todas as ilusões, no entanto, daquele indivíduo possuidor de grandes poderes ilusórios foram queimadas pela energia do filho de Pandu. Um perito em fraude, ele tinha derrotado Yudhishtira na assembléia por seus poderes de ilusão, e ganhado dele seu vasto reino. O filho de Pandu, no entanto, agora ganhou os ares vitais de Shakuni. Veja, ó Krishna, um grande número de aves está agora ao redor de Shakuni. Um perito nos dados, ai, ele adquiriu aquela habilidade para a destruição de meus filhos. Este fogo de hostilidade com os Pandavas foi aceso por Shakuni para a destruição de meus filhos como também dele mesmo e seus seguidores e parentes. Como aquelas alcançadas por meus filhos, ó pujante, pelo uso de armas, ele também, embora de alma pecaminosa, alcançou muitas regiões de bem-aventurança pelo uso de armas. Meu medo, ó matador de Madhu, é que aquela pessoa possa conseguir fomentar dissensões até (lá, na região alcançada por eles) entre meus filhos, todos os quais são crédulos e possuidores de franqueza!"

25

"Gandhari disse, 'Veja aquele soberano irresistível dos Kambojas, aquele herói de pescoço de touro, jazendo em meio ao pó, ó Madhava, embora ele merecesse estar esticado confortavelmente em cobertores Kamboja. Dominada por grande dor, sua esposa está chorando amargamente à visão de seus braços manchados de sangue, os quais, no entanto, antigamente costumavam estar cobertos com pasta de sândalo. De fato, a bela exclama, 'Mesmo agora adornados com palmas belas e dedos graciosos, estes teus dois braços parecem um par de maçãs com ferrões, dentro de cujo abraço a alegria nunca me deixou por um momento! Qual será o meu fim, ó soberano de homens, estando privada de ti?' Dotada de uma voz melodiosa, a rainha Kamboja está chorando desamparadamente e tremendo

com emoção. Veja lá aquele grupo de damas formosas. Embora cansadas pelo esforço e desgastadas pelo calor, a beleza contudo não deixa suas formas, como a formosura das coroas de flores usadas pelos celestiais embora expostas ao Sol. Veja, ó matador de Madhu, o soberano heróico dos Kalingas jazendo lá no chão com seus braços fortes enfeitados com um par de angadas. Contemple, ó Janardana, aquelas damas Magadha chorando e permanecendo em volta de Jayatsena, o soberano dos Magadhas. Os lamentos encantadores e melodiosos daquelas moças de olhos alongados e de voz doce, ó Krishna, estão entorpecendo muito o meu coração. Com todos os seus ornamentos deslocados, chorando, e afligidas pela dor, ai, aquelas senhoras de Magadha, dignas de descansarem em camas caras, estão agora deitando na terra nua! Lá, também, aquelas outras senhoras, circundando seu marido, o soberano dos Kosalas, o príncipe Brihadbala, estão lamentando alto. Empenhadas em arrancar do corpo dele as flechas com as quais ele foi perfurado por Abhimanyu com toda a força de seus braços, aquelas damas estão perdendo seus sentidos repetidamente. Os rostos daquelas belas senhoras, ó Madhava, pelo trabalho e pelos raios do Sol, estão parecendo com lotos desbotados. Lá, os filhos valentes e jovens de Dhrishtadyumna, todos enfeitados com guirlandas de ouro e belos angadas, jazem mortos por Drona. Como insetos em um fogo ardente, eles foram todos queimados por caírem sobre Drona, cujo carro era a câmara do fogo, tendo o arco como sua chama e flechas e dardos e maçãs como seu combustível. Similarmente, os cinco irmãos Kekaya, possuidores de grande coragem, e adornados com belos angadas, estão jazendo no chão, mortos por Drona e com seus rostos virados na direção daquele herói. Suas cotas de malha, do esplendor do ouro aquecido, e seus estandartes altos e carros e guirlandas, todos feitos do mesmo metal, estão derramando uma luz brilhante sobre a terra como muitos fogos ardentes. Veja, ó Madhava, o rei Drupada derrubado em batalha por Drona, como um elefante poderoso na floresta morto por um enorme leão. O guarda-sol branco do rei dos Pancalas brilha, ó tu de olhos de lótus, como a lua no firmamento outonal. As noras e as esposas do velho rei, afligidas pela dor, tendo queimado seu corpo na pira mortuária, estão procedendo, mantendo a pira à sua direita. Lá aquelas senhoras, privadas de sua razão, estão removendo o valente e grande guerreiro, o arqueiro Dhrishtaketu, aquele touro entre os Cedis, morto por Drona. Este destruidor de inimigos, ó matador de Madhu, este grande arqueiro, tendo desviado muitas armas de Drona, aí jaz, privado de vida, como uma árvore arrancada pelo vento. Ai, aquele bravo soberano dos Cedis, aquele poderoso guerreiro em carro Dhrishtaketu, depois de ter matado milhares de inimigos, jaz ele mesmo privado de vida! Lá, ó Hrishikesa, as esposas do soberano dos Cedis estão sentadas ao redor do corpo dele ainda decorado com madeixas formosas e belos brincos, embora rasgado por aves carnívoras. Aquelas principais das senhoras, colocando sobre seus colos a forma prostrada do heróico Dhrishtaketu nascido da linhagem Dasharha, estão chorando em tristeza. Veja, ó Hrishikesa, o filho, possuidor de madeixas formosas e brincos excelentes, de Dhrishtaketu, cortado em batalha por Drona com suas flechas. Ele nunca abandonou seu pai enquanto o último lutou com seus inimigos. Observe, ó matador de Madhu, que ele nem na morte abandona aquele pai heróico. Assim mesmo, o filho do meu filho, aquele matador de heróis hostis, o poderosamente armado Lakshmana, seguiu seu pai

Duryodhana! Veja, ó Keshava, os dois irmãos de Avanti, Vinda e Anuvinda, jazendo lá no campo, como duas árvores shala florescentes na primavera derrubadas pela tempestade. Vestidos em armaduras douradas e enfeitados com Angadas de ouro, eles ainda estão armados com espadas e arcos. Possuidores de olhos como aqueles de um touro, e ornados com guirlandas brilhantes, ambos estão esticados no campo. Os Pandavas, ó Krishna, contigo, certamente não são assassináveis, já que vocês escaparam de Drona, de Bhishma, de Karna o filho de Vikartana, de Kripa, de Duryodhana, do filho de Drona, do poderoso guerreiro em carro Jayadratha, de Somadatta, de Vikarna, e do bravo Kritavarma. Veja os reversos ocasionados pelo Tempo! Aqueles touros entre homens, que eram capazes de matar os próprios celestiais pela força de suas armas foram mortos. Sem dúvida, ó Madhava, não há nada difícil para o destino ocasionar, já que até estes touros entre homens, estes heróis, foram mortos por guerreiros Kshatriya. Meus filhos dotados de grande força foram (considerados por mim como) mortos exatamente quando, ó Krishna, tu retornaste sem sucesso para Upaplavya. O filho de Santanu e o sábio Vidura me disseram então, 'Pare de nutrir afeição por teus filhos.' As conversações daquelas pessoas não poderiam ser em vão. Logo, ó Janardana, meus filhos foram reduzidos a cinzas!"

Vaisampayana continuou, "Tendo dito estas palavras, Gandhari, privada de seus sentidos pela angústia, caiu no chão! Abandonando sua fortaleza, ela permitiu que seus sentidos fossem entorpecidos pela dor. Cheia de ira e tristeza pela morte de seus filhos, Gandhari, com coração agitado, atribuiu toda a culpa a Keshava."

"Gandhari disse, 'Os Pandavas e os Dhartarashtras, ó Krishna, foram ambos destruídos. Enquanto eles estavam sendo exterminados dessa forma, ó Janardana, por que tu ficaste indiferente a eles? Tu eras competente para impedir o massacre, pois tu tens um grande número de seguidores e um vasto exército. Tu tinhas eloquência, e tu tinhas o poder (para promover a paz). Já que deliberadamente, ó matador de Madhu, tu ficaste indiferente a esta carnificina geral, portanto, ó poderosamente armado, tu deves colher o fruto deste ato. Pelo pouco mérito que eu adquiri por servir meu marido respeitosamente, por este mérito tão difícil de alcançar, eu te amaldiçoarei, ó manejador do disco e da maçã! Já que tu foste indiferente aos Kurus e aos Pandavas enquanto eles matavam uns aos outros, portanto, ó Govinda, tu serás o matador dos teus próprios parentes! No trigésimo sexto ano a partir deste, ó matador de Madhu, tu, depois de causar a morte de teus parentes e amigos e filhos, perecerás por meios repulsivos na selva. As damas do teu povo, privadas de filhos, parentes e amigos, chorarão e gritarão assim como estas damas da linhagem Bharata!"

Vaisampayana continuou, "Ouvindo estas palavras, Vasudeva de grande alma, se dirigindo à venerável Gandhari, disse a ela estas palavras, com um leve sorriso, 'Não há ninguém no mundo, além de mim, que seja capaz de exterminar os Vrishnis. Eu sei bem disto. Eu estou me esforçando para realizar isto. Ao proferir esta maldição, ó tu de votos excelentes, tu me ajudaste na realização desta tarefa. Os Vrishnis não podem ser mortos por outros, sejam eles humanos ou deuses ou Danavas. Os Yadavas, portanto, cairão pelas mãos uns dos outros.' Depois que

ele da tribo Dasharha tinha dito estas palavras, os Pandavas ficaram pasmos. Cheios de ansiedade todos eles ficaram desesperançados de vida!"

26

"O santo disse, 'Levante, levante, ó Gandhari, não coloque teu coração na dor! Por tua culpa esta vasta carnificina ocorreu! Teu filho Duryodhana tinha uma alma pecaminosa, era invejoso e extremamente arrogante. Aprovando seus atos perversos, tu os consideravas bons. Extremamente cruel, ele era a encarnação das hostilidades e desobediente às ordens dos idosos. Por que tu desejas atribuir teus próprios erros a mim? Morto ou perdido, a pessoa que se aflige pelo que já ocorreu obtém mais aflição. Por ceder à dor, uma pessoa a aumenta em duas vezes. Uma mulher da classe regenerada tem filhos para a prática de austeridades; a vaca dá à luz prole para carregar cargas; a égua dá à luz suas crias para adquirirem velocidade de movimento; a mulher Sudra tem um filho para somá-lo ao número de servidores; a mulher Vaishya para somá-lo ao número de proprietários de gado. Uma princesa, no entanto, como tu, dá à luz filhos para serem mortos!'"

Vaisampayana disse, "Ouvindo estas palavras de Vasudeva que eram desagradáveis para ela, Gandhari, com coração extremamente agitado pela dor, ficou calada. O sábio real Dhritarashtra, no entanto, reprimindo a aflição que se origina da insensatez, inquiriu Yudhishtira o justo, dizendo, 'Se, ó filho de Pandu, tu o souberes, me diga o número daqueles que morreram nesta batalha, como também daqueles que escaparam com vida!'

Yudhishtira respondeu, 'Um bilhão, 660 milhões e 20.000 homens morreram nesta batalha. Dos heróis que escaparam, o número é 240.165.'

Dhritarashtra disse, 'Diga-me, ó poderosamente armado, pois tu és conhecedor de tudo, que fins aqueles principais dos homens alcançam.'

Yudhishtira disse, 'Todos aqueles guerreiros de coragem verdadeira que perderam seus corpos alegremente na batalha violenta alcançaram regiões como aquelas de Indra. Sabendo que a morte era inevitável, aqueles que a encontraram tristemente alcançaram a companhia dos Gandharvas. Aqueles guerreiros que morreram no fio de armas, enquanto se desviando do campo ou implorando por piedade, alcançaram o mundo dos guhyakas. Aqueles guerreiros de grande alma que, cumpridores dos deveres kshatriya e considerando vergonhosa a fuga da batalha, morreram mutilados por armas afiadas enquanto avançavam desarmados contra inimigos lutando, todos assumiram formas brilhantes e alcançaram as regiões de Brahman. Os guerreiros restantes, que de qualquer modo encontraram a morte nos arredores do campo de batalha, alcançaram a região dos Uttara-Kurus.'

Dhritarashtra disse, 'Pelo poder de qual conhecimento, ó filho, tu vês estas coisas como alguém coroado com êxito ascético? Diga-me, ó de braços fortes, se tu achas que eu posso escutar isto sem impropriedade!'

Yudhishtira disse, 'Quando por tua ordem eu vaguei na floresta, eu obtive esta bênção na ocasião das viagens aos lugares sagrados. Eu encontrei com o rishi celeste Lomasa e obtive dele o benefício da visão espiritual. Assim em uma ocasião anterior eu obtive uma segunda visão pelo poder do conhecimento!'

Dhritarashtra disse, 'É necessário que o nosso povo queime, com os ritos devidos, os corpos dos mortos que tem amigos e dos que não os tem. O que nós faremos com aqueles que não tem ninguém para cuidar deles e que não tem fogos sagrados? Os deveres que nos esperam são muitos. Quem são aqueles cujos (últimos) ritos nós devemos realizar? Ó Yudhishtira, eles obterão regiões de bem-aventurança pelo mérito de suas ações, eles cujos corpos estão agora sendo rasgados e arrastados por urubus e outras aves?'

Vaisampayana continuou, "Assim endereçado, o filho de Kunti Yudhishtira de grande sabedoria mandou Sudharma (o sacerdote dos Kauravas) e Dhaumya, e Sanjaya da casta suta, e Vidura de grande sabedoria, e Yuyutsu da família Kuru, e todos os seus empregados encabeçados por Indrasena, e todos os outros sutas que estavam com ele, dizendo, 'Façam com que as cerimônias fúnebres dos mortos, numerando milhares, sejam devidamente realizadas, para que ninguém possa perecer por falta de pessoas para cuidar deles!' A esta ordem do rei Yudhishtira o justo, Vidura e Sanjaya e Sudharma e Dhaumya e Indrasena e outros, obtendo sândalo, aloés e outros tipos de madeira usadas em tais ocasiões, como também manteiga clarificada e óleo e perfumes e mantos caros de seda e outras espécies de tecidos, e pilhas grandes de madeira seca, e carros quebrados e diversas espécies de armas, fizeram as piras mortuárias serem devidamente construídas e acesas e então sem pressa queimaram, na ordem apropriada, com os ritos devidos, os reis mortos. Eles queimaram apropriadamente sobre aqueles fogos, que flamejavam com libações de manteiga clarificada em torrentes sobre eles, os corpos de Duryodhana e seus cem irmãos, de Shalya, e do rei Bhurishrava; do rei Jayadratha e Abhimanyu, ó Bharata; do filho de Dushshasana e Lakshmana e do rei Dhrishtaketu; de Vrihanta e Somadatta e das centenas de Srinjayas; do rei Kshemadhanva e Virata e Drupada; de Shikhandi o príncipe dos Pancalas, e Dhrishtadyumna da linhagem de Prishata; dos bravos Yudhamanyu e Uttamauja; do soberano dos Kosalas, dos filhos de Draupadi, e Shakuni o filho de Subala; de Acala e Vrishaka, e do rei Bhagadatta; de Karna e seu filho de grande cólera; daqueles grandes arqueiros, os príncipes Kekaya, e daqueles poderosos guerreiros em carros, os Trigartas; de Ghatotkaca o príncipe dos rakshasas, e o irmão de Vaka, de Alambusha o principal dos rakshasas, e do rei Jalasandha; e de centenas e milhares de outros reis. Os ritos pitri-medha em honra de alguns dos mortos ilustres foram realizados lá, enquanto alguns cantavam Samas, e alguns proferiam lamentações pelos mortos. Com o barulho alto de Samas e Riks, e as lamentações das mulheres, todas as criaturas ficaram estupefatas aquela noite. Os fogos fúnebres, sem fumaça e ardendo brilhantemente (em meio à escuridão circundante), pareciam com planetas luminosos no firmamento envolvidos por

nuvens. Aqueles entre os mortos que tinham vindo de diversos reinos e eram completamente desamparados foram empilhados em milhares de pilhas e, por ordem de Yudhishtira, foram feitos serem queimados por Vidura através de um grande número de pessoas que agiam calmamente e eram influenciadas por boa vontade e afeição, em piras feitas madeira seca. Tendo feito seus últimos ritos serem realizados, o rei Kuru Yudhishtira, colocando Dhritarashtra em sua dianteira, foi em direção ao rio Ganga."

27

Vaisampayana disse, "Chegando ao auspicioso Ganga cheio de água sagrada, contendo muitos lagos, adornado com ribanceiras altas e margens amplas, e tendo um vasto leito, eles tiraram seus ornamentos, peças de roupa superiores, e cintos e cintas. As damas Kuru, chorando e afligidas com grande dor, ofereceram oblações de água para seus pais e netos e irmãos e parentes e filhos e superiores veneráveis e maridos. Conhecedoras dos deveres, elas também realizaram os ritos de água em honra de seus amigos. Enquanto aquelas esposas de heróis estavam realizando este rito em honra de seus maridos heróicos, o acesso ao rio se tornou fácil, embora os caminhos (feitos pelos passos de muitos pés) desaparecessem posteriormente. As margens da corrente, embora apinhadas com aquelas cônjuges de heróis, pareciam tão amplas quanto o oceano e apresentavam um espetáculo de tristeza e melancolia. Então Kunti, ó rei, em um acesso repentino de dor, se dirigiu lacrimosamente a seus filhos nestas palavras suaves, 'Aquele grande herói e arqueiro, aquele líder de líderes de divisões de carros, aquele guerreiro notável por todos os sinais de heroísmo, que foi morto por Arjuna em batalha, aquele guerreiro a quem, ó filhos de Pandu, vocês removeram (por morte), filho de Suta nascido de Radha, aquele herói que brilhava no meio de seus exércitos como o próprio senhor Surya, que lutou com todos vocês e seus seguidores, que parecia resplandecente enquanto comandava a vasta força de Duryodhana, que não tinha igual sobre a terra em energia, aquele herói que preferiu glória à vida, aquele guerreiro que não recuava firme em verdade e nunca fatigado com esforço, era seu irmão mais velho. Ofereçam oblações de água para aquele seu irmão mais velho que nasceu de mim pelo deus do dia. Aquele herói nasceu com um par de brincos e vestido em armadura, e parecia o próprio Surya em esplendor!' Ouvindo estas palavras dolorosas de sua mãe, os Pandavas começaram a expressar sua aflição por Karna. De fato, eles ficaram mais tristes do que nunca. Então aquele tigre entre homens, o heróico Yudhishtira, suspirando como uma cobra questionou sua mãe, 'Aquele Karna que era como um oceano que tendo flechas como seus vagalhões, seu estandarte alto como seu redemoinho, seus braços poderosos como um par de jacarés enormes, seu grande carro como seu lago profundo, e o som de suas palmas como seu bramido tempestuoso, e cuja impetuosidade ninguém poderia resistir exceto Dhananjaya, ó mãe, foste tu a autora daquele ser heróico? Como aquele filho, parecendo um verdadeiro celestial, nasceu de ti em tempos passados? A energia das armas dele chamoscou todos nós. Como, mãe, tu pudeste ocultá-lo, como uma pessoa

escondendo um fogo dentro das dobras de sua roupa? Seu poder de armas era sempre adorado pelos Dhartarashtras assim como nós sempre adoramos o poder do manejador do Gandiva! Como aquele principal dos homens poderosos, aquele principal dos guerreiros em carros, que resistiu à força unida de todos os senhores da terra em batalha, como ele era um filho teu? Aquele principal de todos os manejadores de armas era nosso irmão mais velho? Como tu deste à luz aquele filho de destreza extraordinária? Ai, por causa do encobrimento deste caso por ti, nós estamos arruinados! Pela morte de Karna, nós com todos os nossos amigos estamos extremamente angustiados. A dor que eu sinto pela morte de Karna é cem vezes maior do que aquela que foi causada pela morte de Abhimanyu e dos filhos de Draupadi, e pela destruição dos Pancalas e dos Kurus. Pensando em Karna, eu estou queimando com dor, como uma pessoa jogada em um fogo ardente. Nada poderia ser inalcançável por nós (unidos), nada exceto as coisas pertencentes ao céu. Ai, (se soubéssemos disto) esta carnificina terrível, tão destrutiva dos Kurus, não teria ocorrido.' Copiosamente cedendo a lamentações como estas, o rei Yudhishthira o justo proferiu lamentos altos de dor. O poderoso monarca então ofereceu oblações de água para seu irmão mais velho falecido. Então todas as senhoras que lotavam as margens do rio de repente proferiram um alto lamento de tristeza. O inteligente rei dos Kurus, Yudhishthira, fez as esposas e membros da família de Karna serem levados diante dele. De alma honrada, ele realizou, com eles, o rito de água em honra de seu irmão mais velho. Tendo terminado a cerimônia, o rei com seus sentidos extremamente agitados ergueu-se das águas do Ganga.”

Fim do Stri-parva.